

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 12 DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25.

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

E' caso de queimarmos uma estrepitosa gyrandola ao egregio senador Katunda, pelo punhado de verdades, lançadas, desassombradamente, ao gelido recinto do Senado para agitar a monotonia da prorrogação das ferias parlamentares, durante o mez de maio.

S. ex., com louvavel franqueza e com a visão nitida dos factos, lembrou aos seus illustres collegas que os laços da União se vão afrouxando numa progressão assustadora, de sorte que, num futuro mais proximo ou mais remoto, a vida nacional poderá fragmentar-se ao empurrão de um accidente qualquer. S. ex. prevê a tendencia, já muito accentuada em alguns Estados para fazerem da federação brasileira uma confederação. E para illustrar esse asserto, citou casos de rebeldia ás leis, ás sentenças dos tribunaes da Republica, como acontece em S. Paulo e no Ceará, neste principalmente, cuja autonomia já infringiu os limites da Constituição e está chegando aos excessos de uma soberania despotica.

O egregio senador não é um ingenho, como o qualificou o seu collega general Glicerio : é um philosopho, alado ás regiões puras do abstracto, evitando sempre o contacto com as impurezas da politicagem. Por isso, quando s. ex. váe repousar nos formosos sertões cearenses, não demora na Fortaleza, não admite conversas sobre os interesses subalternos em ebulição na panella acciolyna : parte, immediatamente, em marcha batida, ao passo do seu quartáu estradeiro, para o Ipú, a tranquilla cidade das recordações da mocidade de s. ex., onde lhe amadureceu o espirito na cultura scientifica, onde se lhe enrijaram as energias nos longos dias de contemplação dos alcantis da Ibyapaba, nas claras noites de sonhos em-

balados pelo murmurio dolente de uma cascata colossal.

O senador cearense não é um ingenho : accentuou, com um traço leve e precavido, verdades que estão aflorando por toda a parte no terreno de alluvião das miserias, dos erros, dos vicios, estendido como um pantanal em torno da Republica.

Não é prova de ingenuidade, nem de innocencia palerma, denunciar as manobras dos Estados, aparelhando-se com formidaveis elementos de força, a pretexto de se previnirem de policia para a manutenção da ordem local.

Não é preciso muita acuidade para perceber que as forças estadoaes, as infantarias, as cavallarias, os corpos de lanceiros e de artilharia constituem, pura e simplesmente, uma guarda pretoriana dos governadores, em muitos Estados, destinada a manter as violencias que garrotêam a opinião, que reduzem ao silencio da impotencia os adversarios, facto de que é um exemplo contundente a organização militar do Rio Grande do Sul, da qual emerge, como typo classico, o heróe João Francisco, o atalaia da fronteira, com a sua pavorosa reputação, signalada por um rastilho de sangue.

E porque as forças estadoaes fôram occasionalmente chamadas em auxilio do governo para corrigirem a ineptia dos chefes das expedições de Canudos, e a infidelidade dos auxiliares do governo federal nos disturbios de 14 de novembro, nasceu uma opportunissima justificação para o seu extraordinario desenvolvimento, passando, de ordinarios instrumentos de policia, á categoria honrosissima de reserva do exercito, que váe sendo um genero de infima necessidade, uma corporação suspeitada, submettida a um processo lento de dispersão, até ficar reduzida no papel de ornamentação official, com os seus brilhantes marechaes, generaes de divisão, ge-

neraes de brigada, estados maiores e officiaes superiores inuteis, porque as fileiras ficarão compostas de meia duzia de gaños pingados, enquanto se estudam as bases de uma reorganisação completa, definitiva, que nos eleve ao ponto de primeira potencia da America do Sul, no mar e na terra.

A União não tem força; é natural que os Estados se armem. A decrepitude precóce da Republica exige esse subsidio que vem pôr em relevo a dedicacão, o patriotismo dos Estados, desvelados pelas instituções democraticas, mantidas de accordo com o plano concretizado, para vergonha da Patria, na politica dos governadores.

Não ha, portanto, — affirma o general Glicerio — motivo para o escarcéo levantado pelo illustre senador Katunda, ingenho observador, que se abalançou a bisbilhotar nessas coisas, que devem passar despercebidas, como consequencias naturaes de uma situação absurda, que só pôde impressionar os ingenuos ou os innocentes, ignorantes do que seja uma exploração politica.

Tudo o que é tem a razão de ser.

* *

Nós não censuramos a politica do Estado de S. Paulo, dirigida no sentido da expansão das suas forças economicas, o desenvolvimento da sua riqueza, o povoamento do seu sólo, constituindo um soberbo exemplar de progresso e civilisação da America do Sul.

S. Paulo procede acertadamente, prolongando a sua rede de caminhos de ferro, explorando os seus rios, penetrando os seus sertões, abrindo campos feracissimos a essa prodigiosa actividade primitiva, a essa bravura de bandeirantes, que a superveniencia dos elementos ethnicos europeus não pôde esmorecer.

S. Paulo recebe em seu seio, continuamente, milhares de immigrants

que não são colhidos na flôr da população desbordante das velhas nações corrompidas. No efluxo da immigração, vêem os germens da subversão, das doutrinas anarchicas, germens perigosos, contra os quaes o governo local precisa apparellhar-se com meios de repressão efficaz. Não se pôde, portanto, averbar de excessivo esse exercito de cinco mil homens, destinado a manter a paz, o elemento essencial do progresso.

Não é, tão pouco, para suscitar reparos, o facto do poderoso Estado se dar ao luxo de contractar, para as suas terriveis legiões, instructores estrangeiros, como fizeram, com os mais admiraveis resultados, o Japão, o Chile, a Republica Argentina, na perspectiva de conflictos, sempre evitados pela humanitaria influencia do medo reciproco.

Mas, isso que S. Paulo pôde fazer por ser o porta-bandeira do nosso progresso, por se ter preservado da ferrenha politicagem local, por ser o viveiro de presidentes da Republica, será, noutros Estados, um perigo nacional, como suspeitou a acuidade do senador Katunda, um perigo que vale a pena da mortificação de pensar nelle, porque não affecta immediatamente a integridade nacional: affecta os direitos, a liberdade individual, a honra, o credito da Republica, constituindo a força das oligarchias, o apoio unico dos mandões, superiores ás leis, á magistratura e ao governo federal.

Para estes, as legiões pretorianas não são policia para manter a tranquillidade publica; não se destina á prisão de desordeiros porque seria forçada a agir contra os seus sustentaculos, os seus amigos mais dedicados, uma vez que todos os máus elementos se nutrem, se congregam em torno do poder.

Esses exercitos estadoaes são, na grande maioria, compostos de capangas; são elles os perturbadores da ordem, muito adequados ao odioso papel de manterem em permanente sobresalto, os adversarios, os homens de fé, os corajosos recalcitrantes ao ominoso dominio dos governadores; no seio dessas milicias, são colhidos os executores das vindictas officiaes, os quebradores de typographias, os instrumentos de terror, o mais poderoso

elemento de dominio dos rebanhos humanos.

Contra isso, que é um perigo misturado de aviltamento, não ha remedio dentro da nossa organização legal, deturpada como está. Não ha remedio, porque esse abuso proliferou á sombra da criminosa tolerancia do governo federal, cujos olhos, sempre tapados pela peneira das conveniencias partidarias, não percebem mais as deformidades das instituições democraticas, nem se impressiona com os fulgores da verdade.

S. Paulo procede bem, armando, instruindo a sua policia, porque, como não ha coisas nem situações eternas, é bem possivel que chegue, inopinadamente, o dia do desmoronamento, provocado por esses inconscientes ou perversos mineiros da desgraça; chegará o momento do resultado fatal de todos esses erros accumulados, rompendo o equilibrio da longanimidade da consciencia nacional, explodindo numa violencia que será talvez a anarchia...

Nesse momento, *quod Deus avertat*, os Estados, que cuidaram da realisação de suas aspirações licitas, devem estar apercebidos de elementos de força para a preservação da sua obra meritoria.

POJUCAN.

SEU MENDONÇA

Uma linda menina, aquella Chiquita. Pequena, muito bem feita, de uns olhos...! de um sorriso...! Soberbos, como perolas, brilhavam-lhe entre a polpa carnuda e vermelha dos labios os mais bellos dentes que jámais illuminaram um sorriso. Gostava de rir, talvez mesmo por causa desses dentes brancos e firmes. Era o traço mais scintillante de sua belleza, esse sorriso.

O Mendonça, um rapagão de largos hombros, morria por ella. Ainda caxeirava; mas, já tinha as suas economias e fallava em pôr loja. Chiquita sabia-o, e sentia-se muito seduzida pelo bigode negro e forte, que affirmava a virilidade da face morena e burgueza do seu namorado.

Ainda pequeno, tendo-lhe morrido o pae,—um lavrador de algodão da Uruburetama—mandaram-no, a elle, para a cidade empregar-se numa casa de commercio, e ahi cresceu o pobresinho sem instrucção, rudemente, num trabalho fortificador, mas contínuo,

sem lhe deixar tempo ás peralteações da carne.

Soffreu immenso nos primeiros tempos: um martyrio infinito! Filho daquelles sertões incivilizados, creado na semi nudez barbara do matuto, alimentando-se, aos filtros, de uma natureza rude e generosa, livre de roupas e de idéas, descalço, os cabellos ao vento, as carnes ao Sol pela abertura do peito da camisa, pela rodilha das ceroulas levantadas até os joelhos; solto, tendo por instrucção algumas paginas mal ruidas do Simão de Nantua;—via-se agóra, de repente, enclausurado entre fardos e caixotes, mettido nuus sapatões iracundos, num collete opprimente, que lhe deixava a camisa em seio escapar dos calções curtos que os sapatos mordiam! E todo embaraçado, os movimentos duros e inflexos, cheios de desasos, suava de vexame e de cansaço, sem poder encostar-se, os pés em chamma, a garganta a arder, o sangue a bater-lhe as fontes...

Um penar!

A's noites, fechado o armazem, atirava-se para o sotão miseravel, cheirando o bafio; repellia, com ira, os sapatões infernaes, esses inimigos rancorosos, que lhe deixavam os seus pobres pés tão vermelhos, tão magoados, tão escoriados! E affagava-os, pensando que lá, na sua terra, elles tambem se feriam, mas nas deliciosas caçadas ás pombas, aos ninhos das jaçanãs; tambem se maguavam, mas na agrura dos espinhos, na encosta da serra, ao ar livre, na plena independencia dos ventos e da luz. Mas alli, agóra, opprimidos, enfesados, mettidos violentamente naquellas prisões hediondas, como furões bravios em estreitas gaiolas de pân, que fundo tormento elles padeciam! que pena desusada e unica!

Esfoguetava-lhe então a mente a lembrança das coisas doces do lar, dos biscoitos da ávó, das arapucas na encosta, das enchentes do rio. Revia na sua alma dolorida as bellas manhãs ao roçado, por entre o verde milho, a cíciar embalando ao vento a haste fecunda e coroada de louros pendões; a casa na falda da collina, o joazeiro do pateo, os bois, as tardes roseas, as suas vaccas de osso, o seu mondé, a sua faca pequena, o seu chapéo de couro, os seus tamancos de pelle de cobra, em que se regalavam seus pés...

E babava-se o Mendoncinha, num choro silencioso e soluçado, com a cara mettida nas dobras do lençol de chita, triste, infeliz, numa desgraça immensa, até que, alta noite, ao voltarem da pandega os companheiros encontravam-no com as pernas para fóra da rede, a cara ainda molhada de lagrimas, atolado no somno pezadão dos doze annos.

Aos domingos, porém, uma desforra! Afogado numa gibosa rabona de alpaca, uma gravata vermelha a esfoguar-lhe o pescoço, batia, com os outros, as calçadas da cidade, e voltava para o sotão, muito alegre da caminhada feita, dos dois vintens de doces comidos, do cigarro fumado, dos pés já um tanto resignados.

Habitou-se por fim. Achou mesmo um certo encanto naquella vida que punha em constante actividade todos os seus musculos, que o desenvolvia e o tornava forte.

A idéa de ganhar dinheiro, de ser rico, veio-lhe muito cedo e persistiu. Foi economico e sobrio. Divertia-se; mas, nas noites de circo, não despendia mais do que os dez tostões da entrada geral, e gozava tanto quanto os outros que cervejavam, queimando charutos de tostão.

Num perfeito equilibrio physico, regrado, methodico, penteado, com collarinhos tesos manchados de sujo por dentro, não percebia as delicadezas subtis da Arte; applaudia os totaes já triumphantes, por imitação.

Consultou, uma vez, as suas finanças, e resolveu dar-se o prazer de um espectáculo lyrico.

— Fallava-se tanto da Francesi!... Ia ver...

A's oito e meia, lá estava no seu banco, calmo, com muito methodo, a bengala entre os joelhos, a mão sobre o castão, ostentando o forte anel com a sua inicial, a cara bem rapada, o bigode luzindo, chapéo de massa clara, uma vistosa gravata em lévedas dobras, caídas, como borboletas, sobre a golla da quinzena côr de havana. Na sombra de espessas sombrancelhas uidas, negrejavam os seus pequenos olhos, sinceros e surprehendidos.

Subiu o panno.

O chapéo claro descreveu uma curva da cabeça ao joelho, expondo á crueza do gaz as mais bem penteadas melenas da sala, a mais nitida risca de toda aquella assembléa.

A attenção excitou-se. Grande abertura, arcadas magistraes, instrumentação grandiosa, scenario de papelão pintado a brocha!

— Muito bem! Curioso aquillo! Rua bonita, aquella! Que arvores verdes! Esplendida... (Elle tinha ouvido esta palavra a uma sua fregueza) Esplendida cauda a do vestido da italiana, com a cabeça no ar, os braços estendidos, a bocca aberta, a vóz em grita! Que espadagão arrasta aquelle soldado de calças a cima dos joelhos, expondo umas pernas finas! que usos! Esplendido solitario no dedo da cantora. Esplendidos, (elle gostava da palavra) esplendidos dentes! esplendidos vestuarios! esplendidos...!

E as vózes esgaitavam e a orchestra estrugia.

— Rom... rom... ram! rugia o vi-

oloncello; e o piano estridulava umas notas de vidro tamborilado.

O gaz ardia, aquecendo febrilmente tudo aquillo.

Nos camarotes, silenciosos, apenas os leques se agitavam docemente, numas pandiculações de azas amorosas. Na platéa, grave, sentia-se que um applauso ia se gerando exactamente como na face do mar vae-se a onda levantando lenta e uniforme até esflorar-se em vaga rumorosa...

— Bello! já murmuravam baixinho, discretamente.

— Soberbo! suspirou um companheiro de Mendonça, tocando-lhe no hombro, enthusiasmado. Soberbo!... Não achas?

O Mendonça respondeu-lhe com um ronco. Já dormia o bemaventurado.

Do camarote fronteiro, uma linda mocinha, de dentes claros, descreteava no leque aberto uma risada abafada.

Ao abrir o olho, entreviu a menina e o sorriso, e, não sei porque, ficou pensando nella.

Dias depois, debruçada sobre o balcão, ella comprava-lhe umas rendas. Fêl-a demorar o quanto pôde, contente com a sonoridade de sua risadinha de flauta, irisada da alvura dos dentes.

Ella, lisongeada, percebendo, fingiu-se enfadada com a demora:

— Ande, seu Mendonça! despache-me...

E ficava, com uma satisfaçãosinha interior, olhando para os punhos fortes do rapaz e para o energico bigode negro que lhe ensombrava a bocca firme.

Ia-se afinal, com o seu embrulho bem atado, voltando da porta o rosto para vê-lo em pé, a seguil-a com o olhar cheio de desejos.

Essa ternura tomou grandes proporções. Elle, principalmente. Na sinceridade de forte animal sadio, amou-a como por necessidade, pela fatalidade soberana de uma lei, que o impellia, apesar de tudo, para ella. Era, porém, ciumento, talvez por isso mesmo. Mas ferózmente ciumento! Já, havia tempos, andára aos murros com outro por causa de amores.

Ora, por vezes, tinha elle, agóra, encontrado um rapazinho esguio e louro, com a cara displicente, arri-mado a um bengalão, olhando muito insistentemente para a sua Chiquita. Creou, por isso, um grande odio ao bengalão, com muita vontade de quebral-o nas costas do rapazinho.

Faziam-lhe muito mal esses ciúmes, tornavam-no muito desgraçado. Num dia em que a viu sorrir para elle amavelmente, teve um desgosto tão profundo que quasi abandonou tudo para esconder-se no sertão, a armar as suas velhas arapucas. Não sobreviveria,

á perda daquella cabecinha vã de passaro canoro, daquella bocca de romã, onde elle seduzia-se a ver rebrilhar, numa immaculada alvura de marfim, os mais bellos dentes que ainda morderam o fructo do peccado!

Eram, porém, esses ciúmes o acicate que incitava a alimaria de seus desejos.

Jurou pôr em bocados o odioso bengalão... mas no costado do rapaz de cabellos côr de milho. Havia de encontral-o de vez!

Chiquita, pelo seu lado, impacientava-se. A aurora do vigesimo terceiro anno ia a raiar, e o Mendonça, não obstante os quatro mezes de namoro, tinha guardado inteiro silencio a respeito de casamento. Onde iria parar isto?

Acceitou, pois, com alacridade aquelle ciúmesinho que atormentava o seu escolhido, e, sem comprometter-se, fez com que a chamma se exacerbasse.

Uma noitinha ficou o Mendonça só na loja; os caixeiros estavam a outros serviços.

Ouviu, de repente, a vóz de Chiquita na calçada. Bateu-lhe o coração; fitou a porta para vel-a entrar. Demorou-se porém. De um pulo vingou o balcão e chegou á soleira.

Oh! assombro! Oh! ira! Seus olhos amorosos viram passar, num rapido movimento, da mão do rapaz do bengalão para a mão de Chiquita, um pequeno objecto envolto em papel azul! Um mimo, de certo; um penhor da paixão do magricella; a prova evidente de que elle, o Mendonça, o rapaz robusto de bigodes pretos, que já tinha economias e tratava de estabelecer-se, era miseravelmente traído alli mesmo nas suas barbas, pela sua adorada Chiquita, de riso perennal e dentes deslumbrantes!

E, como panthéra que desdobra o salto, atirou-se entre os dois, rugindo, com uma chamma de Othelo no olhar:

— Ingrata!

Sua mão robusta enlaçou o punho delicado da moça que soltou um pequeno ai, magnada.

— Que foi que recebeste deste vareta! Anda! mostra-me! Quero esfregal-o nas ventas do cão!

(O bengalão, prudentemente, foi-se pondo ao longe.)

— Anda! dizia elle.

Chiquita percebeu logo, e, dominando o momento, tirou partido.

— Mostra isso! repetia intimativo. Mas ella oppunha-se.

— Solte-me! Isto é inaudito e grosseiro! Não lhe reconheço direitos sobre mim. Nada tenho com o senhor. Solte-me o punho!

— Ah! rugiu paroxico. Has de mostrar-me!

E o anel que cingia o pulso da moça estreitou-se violentamente. Os

tendões cederam e o pequeno objecto rolou pela calçada até á sargeta. Mendonça, ligeiro como um gato, colheu-o, dilacerou-lhe o envolucro, correu para a luz e leu na tampa de uma caixinha oblonga:

«Para o sr. Mendonça, no dia de seus annos!»

Um par de botões!

O rapaz olhou para Chiquita, humilhado, ridiculo. A moça deu-lhe as costas e foi andando lentamente numa irritação magnifica de deusa indignada.

Mendonça correu para ella, muito dorido.

— Perdôa! minha bôa Chiquita. Sou um miseravel, indigno de ti. Perdôa, ou váes me ver morrer!... Oh! mas esse rapaz... Racho-o, minha querida! racho-o!

Mas ella, muito digna:

— Esse rapaz, que o exaspera, é meu primo, faz-me algumas compras. Eis ali a explicação do seu procedimento.

— Perdão! — resmungava o tourosinho da Uruburetama.

Ella esteve a contemplar serenamente a face desolada do caixeiro, em collete, com as mangas da camisa suspensas por duas tiras vermelhas de borracha.

Depois, muito grave, cingindo a mão d'elle, magnetisando-o:

— Quer então o men perdão e o esquecimento da sua brutalidade?

— Ah? gemia elle com uma grande fraqueza dos joelhos.

— Tudo perdôo e esqueço; mas ha de pedir-me a papae amanhã. Sinão... adeus!

E retirou-se lenta e serena.

Nessa mesma noite, num sotão, depois das nove horas, um rapaz de bigodes pretos e cabello bem penteado, borrava uma porção de papel a escrever uma carta muito seria ao pae de Chiquita.

VIRGILIO BRIGIDO.

A MURALHA (*)

COELHO NETTO
PEÇA EM 3 ACTOS

—
A Arthur Azevedo

SEGUNDO ACTO

SCENA XII

OS MESMOS E CARLOS

CARLOS, *a Estella*:

Miseravel!

Estella recua, Narciso interpõe-se.

NARCISO, *energico*:

E'. sem duvida, a mim que o senhor se dirige...?

CARLOS, *perturbado*:

Falo á minha mulher...

NARCISO

Perdão — aqui ha agóra uma mulher entre um homem e um vilão. Sua mulher! E é á sua mulher que o senhor assaca tão baixa injuria? quando, se ha culpado que mereça castigo, sou eu, eu que lhe pedia perdão, de joelhos, por a haver offendido com uma torpe verdade que o senhor conleece; eu, que me achava a seus pés implorando a remissão de uma franqueza que explodiu da minha lealdade; eu, que poderia ser tomado por um seductor, de rojo deante della, que me humilhava com a sua altivez honesta... E o senhor atira por cima do culpado a injuria, para ferir a innocente. Não é generoso, convenha... Chega a parecer covardia.

CARLOS

Mas, senhor commendador...

NARCISO

Esta senhora está em minha casa e desprotegida; mais do que isto: ameaçada. Tomo-a sob a minha guarda...

CARLOS, *impetuoso*:

Para fazel-a sua amante.

NARCISO, *com sarcasmo*:

Garanto-lhe que a honraria mais com o meu amor do que o senhor com o seu nome.

CARLOS

O senhor aproveita bem a minha situação...

NARCISO

Qual é ella?

SERGIO, *fôra*:

Como não temos parceiro? e o Sergio?

ESTELLA, *entre os dois homens*:

Pelo amor de Deus!

Sergio, Mathias e Camilla apparecem ao fundo. Mathias vem enxugando o suor da fronte. Sergio e Camilla trazem flores nas mãos.

SCENA XIII

OS MESMOS, SERGIO, MATHIAS, CAMILLA; depois um creado.

MATHIAS, *a Narciso*

Pois é verdade, senhor commendador, tem uma residencia de principe. E que abundancia d'aguas! Andam a cantar pelos caminhos. (*A Estella* :) Uma belleza! (*Notando-lhe o soffrimento* :) Que tens? Oh! filha, olha que é preciso não ter alma para viver triste neste paraizo. (*Estella mantem-se immovel. Mathias cumprimenta Carlos, affectuosamente.*)

SERGIO, *a Carlos*:

Quê! já de volta? Fôste á cidade?

CAMILLA, *a Narciso*:

Veja esta orchidea, commendador. E, uma vanda.
Narciso examina a flor, com signaes de admiração e prazer.

Sergio, arranjando a mesa para o solo, a Carlos:

Fôste á cidade?

CARLOS

Não. (*Narciso colloca a orchidea na botocaira do casaco.*)

SERGIO

Tambem que diabo ias tu fazer hoje? (*A Narciso.*) Preciso de ti. O nosso amigo Mathias fica para jantar e dá-me a desforra que lhe pedi. Jógas?

NARCISO

Pois, não! (*Senta-se á mesa.*)

SERGIO

Ainda bem. (*Senta-se e afferece uma cadeira a Mathias.*) Ora, vamos lá!

Camilla e Carlos conversam ao fundo, saem para o terraço, Carlos muito agitado, Camilla visivelmente nervosa, mas contendo-se, lançando olhares de colera a Estella. Sergio e Mathias contam os tentos, Narciso repassa o baralho.

NARCISO

O sr. Mathias é forte.

SERGIO

E' formidavel!

MATHIAS

Qual! Joguei isto, joguei... hoje...

SERGIO

Pois sim!

NARCISO

E o pocker?

MATHIAS

Não conheço. E' isto, a manilha, o volta-rete, um pouco de xadrez...

NARCISO

Ah! joga o xadrez? Havemos de experimentar.

MATHIAS

Tambem jóga?

NARCISO

Aprendo.

SERGIO

E se tomassemos alguma coisa? um pouco de vermouth, por exemplo. Que dizem?

NARCISO

E' uma idéa.

SERGIO, *vollando-se na cadeira*:

Oh! Carlos, manda trazer vermouth.

Carlos entra á esquerda. Camilla desce. Sergio dá as cartas.

CAMILLA, *a Estella*:

Que houve aqui entre o commendador e Carlos?

ESTELLA, *depois de um silencio*:

Carlos não lhe disse?

CAMILLA

Foi breve, por delicadeza, não querendo referir-se á senhora...

ESTELLA

Oh! a generosidade!

SERGIO

Passo.

CAMILLA

Teria de a mostrar infamada...

ESTELLA, *altiva*:

Senhora!

MATHIAS

Passo.

CAMILLA

... com um homem a seus pés, implorando, ou, talvez, agradecendo a primeira concessão.

NARCISO

Passo.

ESTELLA

Esse homem que me infamava portou-se como um perfeito cavalheiro, defendendo-me da rebentina grosseira de seu delicado filho.

CAMILLA

Como queria que elle a tratasse, vendo-a nos braços de outro ?

ESTELLA

Nos braços ? ainda não, e essa decepção talvez concorresse para augmentar-lhe o furor. Se eu já houvesse esquecido os meus deveres, por certo não estaria aqui prestando-me a ser a responsavel pelas dissipações desordenadas desta casa de vicios.

CAMILLA

Com a sua presença, devia ser o templo da virtude.

SERGIO, *examinando o jogo* :

Homem, melhor cara traga o dia de amanhã.

ESTELLA

As suas ultimas traças não téem sido urdidadas com a habilidade do costume, e foi justamente porque o commendador m'as denunciou que eu, por instincto de pundonor, querendo ainda honrar a familia em que entrei, revoltei-me repellindo o que era uma infamia, sem deixar de ser a verdade.

CAMILLA

Que foi ?

ESTELLA

E' preciso que eu diga o que sou, nesta casa, a quem tudo faz e dirige os ataques ?

CAMILLA

A' sua virtude ?

MATHIAS

Sólo...

CAMILLA

Fala de mais em virtude ; é, talvez, para não esquecer que ella existe.

SERGIO

E' bom.

ESTELLA

E' para fortalecer-me nella.

CAMILLA, *com um risinho perverso* :

A boa hora. (*Carlos reentra e acerca-se da mesa, acompanhando o jogo.*)

SERGIO, *a Narciso* :

Fala, homem...

NARCISO, *revendo as cartas* :

Espera...

CAMILLA

Quando um homem se ajoelha aos pés da mulher que deseja, não é propriamente para pedir perdão.

ESTELLA

A senhora deve saber isso melhor do que eu.

CAMILLA

Talvez... Tenho visto outras honras mais fortes cederem a quantias mais modicas.

ESTELLA

E' porque o pouco lhes basta, não tendo de sustentar terceiros.

CAMILLA

Veja quanto lhe devo...

ESTELLA

Deve-me a honra... e a senhora não a tem para pagar-me.

Camilla tem um movimento de colera, mas contem-se.

SERGIO, *a Narciso* :

Então ?

NARCISO, *sorrindo* :

E' bom ! E' bom !

CAMILLA

Noto que está com a intelligencia mais incisiva.

ESTELLA

A colera aguça.

SERGIO

Ninguem se decide ?

CAMILLA

Releve-me a pergunta, não ha nella offensa : o commendador confiou-me a direcção da casa e, emquanto eu não fór destituída, quero corresponder, com esmero, á sua confiança. Diga-me : como quer o seu quarto no pavilhão ?

ESTELLA

Como... (*Sobranceira* :) Eu mesma o arranjarei quando fór preciso...

CAMILLA, *depois de fital-a* :

Cynica !

MATHIAS

Joguem para páus.

SERGIO

Ora, graças !

Estella, atordoada, investe, trincando o lenço, contendo as lagrimas. Prostra-se em uma cadeira, a tremar de raiva, batendo nervosamente com o pé. Camilla afasta-se allivamente, sorrindo.

NARCISO

Um momento... E não é que eu tenho na mão um bólo natural em ouros ?

SERGIO

Como ?

MATHIAS

Em ouros !

NARCISO

Em ouros.

Estende as cartas na mesa. Estella levanta-se arrebaladamente, contendo os soluços e, seguida pelo olhar perverso de Camilla, entra á esquerda.

CARLOS, *examinando o jogo de Narciso* :

E' exacto.

O creado entra pelo fundo com uma bandeja contendo garrafas, copos e uma geleira, descança-a sobre uma mesa e espera ordens.

SERGIO, *a Narciso* :

Mas onde tens tu a cabeça, homem de Deus !

MATHIAS, *contando tentos* :

Natural em ouros são trinta e dois, não ?

CAMILLA

Querem o vermouthe gelado ?

NARCISO, *aos companheiros* :

Gelado, não ?

SERGIO

Um bólo natural em ouros... Sim, gelado... está visto.

CARLOS, *ao creado* :

Gelado...

Camilla serve o gelo granilado, o creado vê vertendo o vermouthe.

MATHIAS

E eu com um sólo monstro em copas. (*Riso.*)

Panno

(*Continúa*)

(*) E' prohibida a reprodução.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O TELEGRAPHO SEM FIO E O SOL. — RECENTES EXPERIENCIAS DO METEOROLOGISTA SUÉCO ARRHENIUS.

Das novas experiencias complementares das que fôram em 1902 feitas por Marconi a bordo do transatlantico *Philadelphia*, resulta que os signaes se transmitem pelo telegrapho sem fio, mais rapidamente e a maior distancia, durante a noite do que durante o dia.

Esse estranho phenomeno, inexplicado durante algum tempo, foi objecto dos estudos mais attentos em diversos paizes. O celebre meteorologista chimico suéco Arrhenius delle se occupou especialmente e acaba de publicar os primeiros resultados de suas observações, das quaes se dedúz que, estando o espaço interplanetario cheio de electrons, continuamente projectados pelo Sol, a atmosphaera do lado illuminado da Terra se torna menos transparente para as ondas de Hertz.

O professor J. J. Thomson, de Cambridge, pensa que os electrons agem de maneira obstruente, absorvendo uma parte de energia posta em liberdade numa estação de transmissão.

Resta verificar si estas hypotheses téem fundamento; mas está verificado que um despacho expedido pelo systema Marconi, em plena claridade solar, apenas fornece dois terços do percurso effectuado em plena obscuridade nocturna.

Parece que os electrons influem como a humidade, pois está verificado que, quando a atmosphaera está saturada de vapor d'agua, a funcção das ondas hertzianas é mais lenta.

Este phenomeno foi observado nas experiencias feitas, nesta cidade, nos dias chuvosos de abril, e tambem foi observado nas installações do telegrapho sem fio do Pará, nas estações entre Belém e Manáus.

*
* *

A BRONCHITE — AS OBSERVAÇÕES DE DURCH CONTINUADAS PELO DR. FRANZ NAGELSCHMIDT.

Depois dos trabalhos de Laennec, o estudo da inflammação dos bronchios e molestias consecutivas, foi objecto de numerosas observações, muito curiosas, muito interessantes. Isso não tem impedido que as bronchites, nas suas variadas fórmulas, continuem a victimar milhares de pessoas.

O dr. Franz Nagelschmidt julga e pensa que a causa dessa molestia se deve attribuir ás poucas precauções contra os defluxos e a falta de exercicio do corpo pela pratica da hydrotherapia, de sorte que a maior parte não se habitúa ao frio e ás influencias que

elle exerce sobre o organismo. Nós todos nos expomos continuamente, com um desleixo sempre punido, ás correntes de ar. Além disso, muitos desconhecem a noção das causas das bronchites; poucos sabem ser ella determinada por um germen aos quaes os resfriamentos offerecem o mais vantajoso meio de cultura.

Durch demonstrou que coelhos infectados de pneumococcus, submettidos a um frio rigoroso, manifestavam, immediatamente, symptomas de pneumonia, ao passo que sobreviviam aquelles que não eram submettidos a essas temperaturas baixas.

O frio é, portanto, um auxiliar das probabilidades de successo das bacterias, que atacam o corpo.

Nagelschmidt, continuando os estudos de Durch, descreveu recentemente a acção do frio sobre o sangue e sobre os germens nelle desenvolvidos. Tomou por campo de suas experiencias coelhos e cabras, immergidos, parcial ou totalmente, em agua gelada durante mais ou menos longo tempo; e reconheceu que quando essas immersões eram subitas, produzindo sobre o corpo impressões instantaneas, este perdia uma grande parte dos seus meios de defeza e se tornava muito caroavel ás infecções. Ao contrario, expondo o paciente, progressivamente, ao frio, cuja intensidade era pouco a pouco augmentada, augmentava, proporcionalmente, a resistencia ás infecções.

Nagelschmidt concluiu disso que é necessario familiarisar o corpo ao frio, e lembra que nas regiões articas, onde não pôde viver o germen da influenza, a bronchite não existe, de sorte que os habitantes do pólo, por causa do habito, pôdem trazer, impunemente, os pés humidos e o corpo gelado.

* *

O NOVO FLAGELLO — MENINGITE EPIDEMICA — O AGENTE ESPECIFICO SEGUNDO O PROFESSOR METCHNIKOFF.

Espalhou-se, ha poucos dias, a noticia de uma molestia nova, mysteriosa, grassando na Allemanha, com todos os terriveis effeitos de uma epidemia.

Passado o estupor do panico, verificou-se que se tratava de uma molestia conhecida desde o seculo XVIII, estudada, ultimamente, pelos professores Dieulafoy, Laveran e Netter — a *meningite-cerebro-spinal-epidemica*, muito differente da meningite ordinaria, simples ou tuberculosa, muito frequente nas creanças. Consiste numa inflammação das meninges, de marcha epidemica e contagiosa, que apparece no tempo frio e humido, desenvolvendo-se de preferencia nos quartéis, officinas e escolas.

A sua evolução tem dois periodos distinctos — a phase de excitação caracterizada por febre intensa, calefrios, rigidez da nuca, contracções e cephalagia violenta; a phase de depressão com estupor, paralyasia, insensibilidade e cõma. A morte sobrevem aos quatro ou oito dias. Ha casos que fulminam a victima em dez ou doze horas; ha fórmias benignas onde os symptomas apenas se esboçam e desaparecem rapidamente.

É uma molestia microbiana, mas os sabios não estão ainda de accordo acerca do agente pathogenico: alguns a imputam ao pneumococcus; outros ao bacilo da gripe.

O professor Metchnikoff indicou como agente especifico do terrivel mal, o *micrococcus intracellularis de Weichselbaum*, de cultura tão delicada que não se pôde ainda obter o serum curativo correspondente.

O tratamento de melhor exito tem sido o preconizado por Dieulafoy — banhos quentes, ventosas, medicamentos antispasmodicos.

UM HERÓE JAPONEZ

1896. Um anno apenas succedera á victoria das tropas do mikado sobre as hostes mal aguerridas do imperio chinez. Pela Europa, ainda assombreada das victorias japonezas, havia como que uma nevrose, uma curiosidade intensa acerca de tudo que dissesse respeito ás grandes ilhas do Extremo Oriente. Jornaes e revistas porfiavam na analyse de costumes, tradições e recursos da terra longinqua dos *daimios*. Estava em moda o Japão.

Foi então que appareceu na Europa o marechal Yamagata, um dos cabos victoriosos da lucta sino-japoneza, appellidado até por alguns o Moltke da Asia, o que era talvez arrojado dizer em se tratando de chins. O facto é que uma *réclame* habil fizera do vulto japonês o homem do dia.

Todos anciavam vel-o, observar, inda que apressadamente, a physionomia desse guerreiro feliz, trazendo comsigo o prestigio da victoria, o perfume de exotismo que tanto agrada ás gentes europeas.

A primeira visita de Yamagata na Europa, foi a Berlim, centro incomparavel para aquelles que desejam aprender, no manejo das armas, o segredo da força das nações. O exercito japonês, instruido, disciplinado á allemã, colhera os fructos de tantos esforços.

A bravura innata, indomavel, do indigena, emprestára a disciplina á prussiana, a tactica, a organização meticulosa onde tudo é previsto, nada sendo abandonado ao acaso.

Si por um lado, era comprehensivel

a vinda do discipulo em homenagem ao mestre, não deixava, entretanto, de ser curiosa a situação. Trez nações europeas, colligadas, haviam imposto ao Japão victorioso, o tratado humilhante de Ximnosaki. Salientava-se, entre ellas, a Allemanha, ciosa do dominio aryano sobre as raças amarellas. O *kaiser* avisára á Europa, em quadro hoje famoso, do perigo que se avolumava em mares asiaticos. Seria possivel que o povo japonês, orgulhoso e vingativo, houvesse esquecido a affronta? A Russia e a França estavam em seu papel. Defendiam: uma, a invasão projectada na Mandchuria; outra, seu vasto imperio indo-chinez. Mas a Allemanha? Era difficil de explicar o caso, que pôde ser, talvez, considerado como uma manifestação do temperamento impetuoso do soberano allemão. Sabia-se tambem, vagamente, que a reacção do povo do Japão fôra a custo refreada pelo governo do mikado. A excitação popular era enorme contra os estrangeiros e, principalmente, contra o *Miguel germanico*, intruso, violento nas suas intervenções internacionaes. Proclamações entusiastas excitavam á guerra contra os *diabos vermelhos*, surgindo de longes terras para se immiscuirem na vida nacional. Nestas circumstancias, a chegada de Yamagata era verdadeiramente sensacional. As victorias de Mu-tien-ling-pass, Kaiping, Nuda-chwang, Tim-chwang-ti, eram as credenciaes que recommendavam á attenção geral o grande marechal oriental.

Yamagata, vencedor na Mandchuria; Oyama, em Porto-Arthur e Wei-hai-Wei; o almirante Ito, o destruidor, na batalha de Yalú, da frota chinesa, formavam, então, o trio brilhante de heróes japonezes, que se impuzera ao estudo dos criticos militares e profissionaes.

Vinham em segundo plano, Oku, Kuroki, Nogi, Nodzú, Iamadgi, etc., esses mesmos que ora escrevem paginas brilhantes para a sua patria, fazendo recuar o colosso russo.

A Europa quedára, attonita, da tactica e organização japonezas, reveladas nessa guerra. Nada mais natural, portanto, o movimento de curiosidade em torno de um dos principaes actores do drama que se desencadeára em terras e mares do Oriente.

Foi numa recepção do ministro japonês, em Berlim, que avistei o tão afamado Yamagata.

Pelos ricos salões da legação, jorrando luz e perfumes, passeiavam uniformes variados e deslumbrantes *toilettes*; cruzavam-se typos, os mais variados; era um verdadeiro kaleidoscopio de raças e idiomas. Os sons duma orchestra espalhavam um não sei quê de vaga harmonia, abafando o ruido das vózes, o roçar dos vestidos.

Officiaes allemães, irreprehensíveis no garbo, coalhavam os salões; diplomatas de todos os paizes exhibiam as fardas recamadas d'oiro.

No salão de honra, sob o retrato em tamanho natural do soberano japonês, recebendo cumprimentos, fazia as apresentações o representante do mikado, na capital allemã.

A seu lado, envergando severo dolman, achava-se o marechal Yamagata, alvo de todos os olhares. Falando alternativamente inglez e allemão, entreteve-se algum tempo com officiaes superiores, que lhe gabavam os triumphos, lembrando a tactica e disciplina das suas tropas.

Era facil de perceber no rosto do velho soldado, o orgulho que lhe causavam as homenagens de representantes do exercito mais disciplinado do mundo, o allemão.

Nota curiosa: ao elemento feminino presente não agradava o aspecto do vencedor da China... Estatura mediana, franzino de corpo, ligeiros pellos esparsos no rosto, feição dura, olhar obliquo; sentia-se instinctivamente que só a etiqueta tinha força bastante para impôr áquelle asiatico, as maneiras, os trajes europeus...

Como devia lamentar a patria distante, perdido alli, em meio tão differente!

Muitos japonezes tinham comparecido á recepção para saudar o compatriota illustre. Os sons gutturaes, as palavras incomprehensíveis, succediam-se rapidas. Alguem que estava presente, entendedor profundo do Japão, percebeu nitidamente um phrase do marechal:

— Todas essas luminarias, o aspecto de toda essa gente que me observa como um *bibelot* raro, não me impressionam absolutamente... Estou ancioso para rever o nosso Japão.

A phrase, banal na apparencia, stereotypa a alma japoneza.

Nove annos mais tarde, os exercitos e frotas do mikado deviam lembrar á Europa o conceito de Okuma:

— Para ser grande e respeitado o Japão, é preciso que sua bandeira fluctue, custe o que custar, e para sempre, em Porto Arthur.

ARMANDO DIAS.

PAGINAS ESQUECIDAS

O ROSARIO

Quando, á noite, contemplo taciturno
Estas contas antigas, o rosario

Das minhas orações,
Vejo em minh'alma o poema legendario
Dos velhos tempos, das longinquas éras
De santas devoções.

A cruz ebúrnea, onde agonisa o Christo,
E' d'um lavor subtil, que nos revela
Um genio magistral,
Obra de monge em merencoria cella,
Piedoso artista ha muito adormecido
Em valha cathedral.

Tem seculos: talvez que nestas contas
Passasse outr'ora suas mãos esguias
A castellã senil,
Pensando, triste, nos ditosos dias
Em que a seus pés um menestrel vibrava
O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse
As saudades da noiva lacrimante,
Que debalde esperou
Em cada náu, que vinha do Levante,
O seu donzel amado, que partira
E nunca mais voltou.

Sobre a cóta d'um joven cavalleiro,
Que o beijava por noites estrelladas
Pensando em sua mãe,
Elle assistiu á guerra das cruzadas,
Atravessou talvez a terra santa;
E viu Jerusalem.

Talvez alguma freira em triste claustro,
De sens annos na doce primavera,
Só d'elle confiou
Seus loucos sonhos de fallaz chimera;
E, apertando o rosario ao peito ancioso,
Consolada expiron.

Isto o que leio no rosario antigo;
E, quando melancolico lhe beijo
As contas de marfim,
No ar escuto indefinido harpejo,
E, então a crença, a mystica toáda,
Murmura dentro em mim.

GONÇALVES CRESPO.

* *

O CLERICALISMO

O CONDE D'EU—A FAZENDA PAQUEQUER

Disse-se na semana que findou que o sr. conde d'Eu pretende comprar a fazenda do Paquequer, que pertence ao Estado, e que anda ha tempos annunciada no *Diario Official*.

Se se dissesse só isso, ninguem pensaria em estranhar que o sr. conde d'Eu comprasse uma fazenda para criação, para vender gordos e comprar magros, como quer o sr. Avila. O sr. conde d'Eu tem o direito de empregar os seus capitaes como melhor entender, em terras, fazendas, casinhas para alugar, ou o que mais vantagens offerecer.

Procedendo deste modo, sua alteza usa de uma prudencia muito louvavel, e mostra que sabe aproveitar as licções da experiencia. O mistér de rei já não tem grandes garantias, nem mesmo nos paizes a que a monarchia está vinculada por tradições seculares. A familia a que sua alteza pertence, os Orléans, já soffreu algumas vicissitudes pouco agradaveis.

Por não ter havido nos principios deste seculo um descendente de reis bastante sagaz para matar um pobre diabo de capitão de artilharia, que surgiu um bello dia das montanhas graniticas da Corsega, a familia de Orléans, além de perder o throno de França, perdeu os sens bens.

A familia desse capitão, que tinha arranjado para seu uso um novo direito divino, chamou a si o que pertencia aos do direito divino antigo e tradicional, e força é reconhecer que se estes o possuíam de longa data, nem por isso o tinham adquirido pelo trabalho de seus avós.

Esta bôa terceira republica franceza teve a generosidade de entregar aos srs. de Orléans o que lhes pertencera, e que esses dignos successores de Luiz XI reclamaram justamente quando a França estava menos apta para fazer generosidades de dinheiro.

Mas, os principes nem sempre encontram adversarios de tão bôa vontade; e não é propriamente dando-lhes dinheiro, que os diversos revolucionarios, mais ou menos intransigentes e exaltados que ha pela Europa, cultivam relações com as testas coroadas. Que o diga o imperador da Russia; que o diga a rainha Victoria; que o diga o imperador da Allemanha.

E apesar mesmo da generosidade dos republicanos francezes, ultimamente, quando em França se entendeu que não era precisamente tranquillizador para a republica o facto de se entregar altas posições no exercito aos principes de Orléans, houve quem dissesse que estes altos senhores, pelo seguro, para o que dér e viér, simularam venda dos seus bens a lords inglezes, e o mundo sabe se a Inglaterra é capaz de zelar os seus dinheiros.

Faz, portanto, muito bem o sr. conde d'Eu em ter o seu mealheiro e guardar, de vez em quando, algum vintem. Em França, a monarchia, que tem tradições seculares, já não toma mais pé, assoberbada pela onda democratica que se avoluma, porque aquelle bemaventurado paiz ha de ser sempre na Europa o precursor dos grandes movimentos progressivos.

Aqui no Brazil, a sorte do direito divino ainda é mais precaria. Por mais que se faça, o Brazil é americano, e o Novo Mundo não seria o Novo Mundo se se limitasse a ser um prolongamento do Velho, e lhe adoptasse as antigas usanças, sem obedecer á lei que lhe impõe a pujança virginal da sua natureza.

Por estas razões, pois, nada haveria que objectar se o sr. conde d'Eu comprasse uma fazenda como qualquer de nós pôde comprar um sitio; mas, ac-

crescenta-se que o sr. conde pretende abrigar nessa fazenda uns pobres padres que a republica está despedindo de França, por espirito de intolerancia e impiedade, proprio de republicanos sem fé, que não toleram que uns tantos sujeitos a quem ella paga para ensinarem ás mulheres e ás creanças uns principios de moral, empreguem o seu tempo em ensinar aos homens a fazer guerra á republica.

Isto mesmo ainda seria apenas um acto de caridade, se o sr. conde d'Eu fôsse simplesmente um homem rico, que tivesse sido feito conde por ter mandado para o Paraguay algumas dezenas de escravos; mas o sr. conde d'Eu é o esposo da herdeira do throno do Brazil, e as intimas relações politicas com padres estão muito nas tradições de sua familia, para que se olhe com indiferença para o acto que dizem que sua alteza pretende praticar.

Em materia de colonisação, não é precisamente a de padres a que mais pôde convir ao Brazil. Apesar de ser o chim uma verdadeira calamidade que o alto tino administrativo dos que nos governam tem pendente sobre as nossas cabeças; apesar de ser o chim um trabalhador que a uma vantagem unica, o trabalho barato, reúne todas as outras desvantagens possiveis e imaginaveis, entre as quaes sobressae a de não ficar no Paiz, não o povoar, e ao mesmo tempo arredar a concurrencia de outros colonos, que ficariam; se nos derem a escolher, entre o chim e o padre, nós preferiremos, sem hesitar, o chim.

O chim, quando chegar ao Brazil, reduzirá por tal fórma o salario que nenhum outro colono competirá com elle; a immigração espontanea que o governo reconhece na falla do throno que tende a augmentar, cessará; mas, daqui a alguns annos, quando os entusiastas de hoje se convencerem do seu erro, será ainda tempo de voltar atrás, fazendo o que acabam de fazer os Estados-Unidos: fechando a porta ao chim.

Ha de ser muito mais difficil fechar a porta ao padre. O padre não se contenta com o salario modico que lhe garanta o pão, que elle, por fórmula, pede só para um dia; o padre trabalha pelo futuro, e serve-se para isso de duas armas formidaveis: a mulher

e a creança. O padre tem o confissionario, o pulpito, a escola, o perdão, a ameaça de castigo, a promessa da vida eterna, e falla em nome de Deus.

Tudo isso seria muito bom, se o padre o fizesse só para fazer moral, só para encaminhar o espirito de familia para o bem; mas o padre, e principalmente este padre que a republica franceza não quer, porque o conhece, porque lhe sente a garra por baixo da batina, o padre faz politica.

O actual imperador do Brazil é um crente; preocupa-se com o destino da sua alma tanto como com a passagem de Venus pelo disco do Sol; lê Darwin e procura conciliar-o com o Adão de barro soprado pelo idéal Omnipotente, que em seis dias tirou o mundo do cháos; mas, ainda assim, a influencia do padre não se faz sentir na nossa politica.

Quando, porém, sentar-se no throno deste paiz alguém que além da creança tenha a credence, que exaggere a fé pela superstição, o padre virá pezar na balança dos nossos destinos. Se antes se lhe fizer o ninho, se se dê tempo ao padre para influir na familia pela mulher e pela creança, a sua missão junto do throno será facil, porque, para dominar, elle não terá de lutar, tendo preparado o terreno.

E' desenganar! Esta raça de padres a que nos referimos, não é a successora dos apóstolos e dos eremitas; estes padres não prégam a palavra de Christo, prégam a doutrina de Roma; não são missionarios, são embaixadores do Vaticano; o seu livro santo não é o Evangelho, é o Syllabus.

Estes padres representam, no nosso tempo, os que persegiram Gallileu e queimaram vivo Giordano Bruno; os seus gloriosos marcos milliarios não são nem o Golgotha, onde expirou o divino philosopho, nem os amphitheatros romanos, onde os martyres christãos eram atirados ás féras, para regalo dos imperadores. As paginas gloriosas da historia desses padres escreveu-as a inquisição e o jesuitismo, que fôram os successores naturaes, não dos primeiros crentes que se refugiavam nas catacumbas de Roma, mas dos algozes que os perseguiram. A unica differença é que a força, que estivera do lado dos pagãos que tinham conquistado o mundo com as armas na mão, passou para o lado dos

padres que o conquistaram pela astucia.

A inquisição não foi menos crua que os Neros; que o digam os judeus tão barbaramente perseguidos, que ainda hoje, ao cabo de tantos seculos não conseguiram reunir-se na terra que lhes foi berço.

Os padres de hoje já não accendem fogueiras; homens do seu tempo, manejam as armas que acham á mão em França; o padre lucha pelo direito divino, que presta á Santa Sé um preito que lhe recusa a republica. Na Irlanda, o padre catholico auxilia a revolta, não para apoiar a justa queixa de uma raça opprimida, mas para lutar contra o protestantismo inglez. Na Allemanha, por detrás do socialista, vê-se o padre a aproveitar-se desse grande movimento e a incital-o para combater a reforma. Na Russia, o padre catholico collabora com o nihilista, porque, se o inimigo deste é o absolutismo, o daquelle, encarnado no mesmo individuo, é a orthodoxia moscovita. Se na Italia um partido, o dos irredentistas, agita-se para conquistar o que entende que falta ao paiz: Trieste, que está com os austriacos, Nice e a Saboia, que estão com a França, o padre romano auxilia-os escondidamente, não para completar a unidade da Italia, mas para destruil-a, tirando-lhe a Roma dos Cesares do Vaticano. Ahí, como em toda a parte, ao passo que o nihilista, o socialista, o irlandez, o republicano, o irredentista, luctam com as armas na mão, arriscando a vida, o padre tira a sardinha com a mão do gato.

E é este o elemento que se procura introduzir no Brazil. Nós já temos algumas sementes, menos más, que até aqui se têm introduzido aos poucos, e têm sido toleradas. Ha em S. Paulo o celebre collegio de Itú, povoado principalmente pelos filhos dos nossos homens de Estado, que serão os futuros homens de Estado, porque o Brazil tende á oligarchia; temos o Caraça, em Minas, que nos fornece deputados, que são, a um tempo, positivistas e ultramontanos; temos collegios de irmãs de caridade, para educar a mãe de familia brasileira.

Se, porém, estes elementos esparsos se congregam; se em vez de tolerados, elles fôrem acoroçados; se se quizer converter a introduccão do padre em

systema politico, é preciso dar o grito de alarma, e resistir emquanto é tempo.

Temos fé que a resistencia será efficaç, porque a acclimação do padre é difficil no Brazil, repugna á natureza americana.

Quanto aos que pensam em introduzil-o, seria talvez mais prudente, se realmente pretendem ficar no Brazil, deixarem-se disso e tratarem de accommodar-se ás circumstancias de tempo e lugar, que lhes indicam um caminho muito diverso.

Só homens excepcionaes conseguem impôr idéas condemnadas. A Allemanha militar é um prodigio que se sustenta pela vontade de ferro e pela assombrosa capacidade politica de Bismark; ainda assim, á custa do progresso nacional. A morte de Bismark esboroará a sua obra.

O Brazil ultramontano não é empreza que possa ser levada a cabo por homem cuja intelligencia se meça pela bitola commum.

Se isto de governar o Brazil é coisa que possa tentar alguém, tratem os pretendentes de conformar-se ao espirito de tempo e á lei da nossa natureza. E' sempre opportuna a resposta dos altivos fidalgos aragonezes, que exigiam que se lhes respeitassem os seus fóros, para que elles se mantivessem fieis: Senão, não!

FERREIRA DE ARAUJO.

Maio, 1883.



O ALMIRANTE (33)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XVI

— Chegámos, emfim, meu caro conselheiro.

— Beijo-lhe as mãos pela adoravel companhia e peço mil desculpas a v. ex. se... involuntariamente a contrariei...

— Pelo contrario, o senhor foi enviado por um acaso protector.

— Ainda bem. Não é dos peiores esse papel de instrumento do acaso ao serviço de tão gentil dama...

— Sempre amavel.

Presentindo a carruagem, Sebastião abriu o largo portão senhorial e saudou com o amplo chapéo de palha, as pessôas que vinham dentro. Aquelles dois dias eram de novidades de coisas estranhas; e agora elle não se surpre-

hendeu com o soldado á boléa, nem de estarem no logar de Oscar duas pessôas, conhecidas como visitas da casa, mas nunca matinaes, como naquella occasião, á hora em que elle começava a réga do jardim, depois de cuidadosamente varridas as alamédas alastradas de folhas caídas, durante a noite, das arvores castigadas por um violento furacão, um daquelles pés de vento, que entravam pelo boqueirão e encanavam com furia pelas faldas do Corcovado.

— Muito bom dia — disse Sebastião, achegando-se á carruagem que abeirava á calçada do atrio.

— Bom dia — respondeu o conselheiro. — Sabe dizer-me se minlia mulher...

— A senhora d. Eugenia — ajuntou, immediatamente, o feitor — está com a senhora marqueza, que esteve doente.

— Doente? — inquiriu Dolores.

— Ha dois dias, sim, senhora. Mas não foi coisa de maior. Parece que ficou um tanto arrelhiada *promorde* a Republica.

— Pobre senhora — murmurou, compadecido, o conselheiro.

A carruagem partiu para o fundo da chacara. Dolores e o conselheiro, apeitados defronte da porta principal, se entreolhavam indecisos, perplexos, como se os detivesse a inconveniencia de se annunciarem tão cedo, muito embóra os auctorisassem a isso as circumstancias especiaes do momento anormal de perturbação, que repercutia nas praças publicas como nos lares, na Côrte como nos mais longinquos recantos do Paiz.

— Quer vossa excellencia que eu vá chamar — perguntou Sebastião.

— Não é necessario — replicou o conselheiro, que se sentára, moído de fadiga, num dos bancos de ferro — Esperaremos.

— Eu voltarei — observou Dolores — Voltarei no carro que deve ir em busca de Oscar. Tenho contas a dar de mim ao pobre Dádá. Coitado, não sabe o destino da mulher, quasi dois dias fóra de casa... Um horror...

E voltando-se para Sebastião accrescentou:

— Faça o favor de dizer ao cocheiro que vou esperar o carro á esquina proxima. Adeus, conselheiro, muito obrigado. Saudades a d. Eugenia e ás meninas.

Apenas Dolores desaparecera, abriu-se uma das janellas do sobrado, e uma vóz, a vóz de d. Eugenia, inquiriu, com precaução:

— Quem está ahi?

— En, minha querida — respondeu o conselheiro, erguendo-se a custo.

— Tu, Antonino?

— Sim, teu marido, mais morto que vivo...

— Espera...

Poucos momentos depois, ella lhe abria a porta e os braços, onde o bom velho se deixou collier e apertar, como se aquelle carinho lhe restituisse a esperanza, o alento, a energia do coração contundido, maguado pelas rudes commoções daquelles dias de amargura.

— Então?... — perguntou d. Eugenia, com a vóz embargada por soluços — Então? Que foi isso?

— Que foi? A fatalidade, um violento golpe do imprevisito...

— Mas, senta-te, meu querido. Estás a tremer...

— Apesar de ter previsto com segurança os acontecimentos, nunca esperei que elles se precipitassem com tamanha rapidez...

— Foi horrivel...

— Foi esmagador, foi barbaro, foi triste, foi infame.

— Calma-te. Repousa. Depois me contarás tudo...

— Ah, minha mulher; não sei onde tenho a cabeça. As idéas, as impressões andam lá dentro, num tropel, numa confusão.

— Meu Deus, que pallidez — exclamou d. Eugenia, depois de abrir uma das janellas por onde entravam rutilos raios do Sol — Como estás alterado!...

— Não era para menos, passando duas noites de vigilia, a vigilia do desterro dos nossos augustos soberanos, soffrendo a emoção lancinante do momento cruel da partida.

— Então?...

O conselheiro, com um largo gesto de desespero, estendeu os braços para o lado do Pão de Assucar, e murmurou vencido:

— Está tudo acabado.

E ficou a contemplar a esposa, afogada em pranto.

Momentos depois, uma creada lhes serviu o café. D. Eugenia enxugou as lagrimas e, acercando-se do conselheiro, disse-lhe num tom resolutivo:

— Saberemos soffrer.

— Tu és uma heroína: a mim, já me faltam as forças para reparar os effeitos do desastre. Deposta, exilada a dynastia, derrocadas as instituições que, felizmente, regeram a Nação durante mais de meio seculo, eu, todos os funcionarios da casa imperial, meus companheiros de infortunio, perdemos a razão de ser. Isto significa que se desmoronaram os nossos planos de vida, da nossa vida tranquilla, satisfeita, resignada aos parcos recursos de que dispunhamos, o futuro garantido pela aposentadoria e pelo montepio.

— E o teu ordenado na companhia?

— Resta-nos isso; mas é bem possivel, senão certo, que a revolução attinja as forças economicas do paiz, ferindo o credito, as industrias... toda a obra da monarchia.

—Será o que Deus quizer. Não te amofines com o futuro.

—Não julgo difficil supportar a pobreza, mas custa muito perder uma posição honrosa, ser subitamente precipitado do fastigio social, da consideração, das posições eminentes, á obscuridade, ao esquecimento, após tantos annos de leaes serviços á Patria. Além disso, sabes que o habito constitúe uma segunda natureza: não sei como poderei resistir a essa perturbação que me desloca, que me suprime a minha maneira de viver tão organizada, tão suave...

—Tua mulher, tuas filhas te ajudarão a supportar a adversidade.

—Minhas filhas. E' por ellas, sómente por ellas que me aterrorisa o futuro.

—Não te preocupes com isso. Necessitamos de resignação, de calma para resistirmos a esse golpe.

O dialogo foi interrompido pela passagem do carro que ia para o arsenal de marinha, conforme a ordem de Oscar. O landau da marquezia fôra substituído pela elegante victoria tirada por uma bella parelha de alazões esguios, ardegos, dois primores da especie.

O conselheiro contou, então, os dolorosos episodios dos dois dias, os ultimos das suas funcções junto da familia imperial, o seu encontro com Oscar, olvidando a intervenção de Dolores.

—Fiquei no meu posto até o derradeiro instante—affirmou elle, no tom de satisfação de um dever cumprido—A minha consciencia está perfeitamente tranquilla. E a marquezia?

—A marquezia? —respondeu d. Eugenia—Não imaginas os momentos de afflicção que padecemos, vendo-a como morta, adormecida num profundo somno, que parecia o derradeiro. Afflictas pela tua ausencia, tomámos a resolução de abandonar a nossa casa para procurar noticias tuas. Eu não podia ficar com as meninas, sem um amparo, sem meios de defeza, expostas a um assalto, a um desacato, aos perigos possiveis numa situação como essa. Viemos. A marquezia dormia profundamente, como se a grande commoção lhe exgotasse todas as forças. Apesar de nos garantir o medico que não se tratava de um caso grave, não podemos evitar um grande sobresalto pela saúde da nossa querida amiga. Nesse transe, Hortencia, a nossa Hortencia, foi de uma dedicação filial: postou-se á cabeceira da marquezia e velou sem interrupção, sem fadiga, com uma solicitude admiravel, o seu prolongado somno. Na tarde de ante-hontem, ella entreabriu os olhos, fitou-os em Hortencia, apertou-lhe a mão e tornou a adormecer tranquillamente, indifferente ás impressões dolorosas da noticia do levante da solda-

desca. Passou a noite sem incidentes, despertando, a longos espaços, para tomar o remedio, sempre submissa, indifferente, sem um gemido, sem uma palavra de queixume. Occorreu-me, então, um triste presentimento. Teria aquella commoção abalado o cerebro da marquezia?... Deves estar lembrado de que ella tinha, no meio da sua grandeza d'alma, assomos de extravagancias; vinham-lhe projectos, idéas de homem, como succedeu depois da morte do marido, que Deus haja.

Toda a gente considerou uma loucura aquella empreza de tentar a restauração da lavoira, pelo exemplo da colonia — Izabel a Redemptora.

— Santa loucura — observou o conselheiro.

— Não ha duvida que os resultados inesperados, graças á providencia e ao tino commercial do Martins, repararam o desastre que poderia ter arruinado a marquezia. Para nós, foi isso providencial, porque nos livrou da miseria, dando-nos um rendimento, independente da politica, do governo...

— Poder-se-á dizer que ella é uma senhora excepcional; mas dahi para a loucura...

D. Eugenia contou que a marquezia amanhecera melhor no dia 16; mas, conservava o mesmo mutismo, a mesma indifferença. Não perguntou pelo seu querido Oscar, não pediu, como era natural, noticias dos acontecimentos. Passou todo o dia entregue aos cuidados de Hortencia; deixou que esta lhe penteasse os cabellos, lhe mudasse a roupa, como se cuidasse de uma creança obediente. O unico signal de consciencia era o olhar meigo com que ella envolvia, agradecida, a sua enfermeira infatigavel, olhar onde brilhava em tenues lampejos a alma doente. Passou o dia na penumbra do quarto. A noite decorreu sem incidente. Ella adormecen, como na vespera, e áquella hora não tinha ainda despertado.

— Vamos ver — concluiu d. Eugenia — se hoje ella se restaura da grande fadiga moral, causadora deste prolongado torpôr.

— A marquezia tem uma tempera de aço — observou o conselheiro — E' provavel que resista e se restabeleça completamente.

— Agora é preciso tratar de ti; necessitas tambem de repouso...

Regressando do seu passeio matinal na chacara, Laura soltou um grito de surpresa encontrando o pae.

— Papaesinho! — disse ella, abraçando e beijando o conselheiro.

— Ah, meu amor, tu vens a proposito. Queres ir commigo até a casa?

— Como não? — tornou Laura, alegremente, acariciando as faces do pae — Pensa que tenho medo?

— Irás com elle, filhinha — re-

commendou d. Eugenia. — Vê se repousa...

— Fica ao meu cuidado, mamãe. Não tenha receio. O Sebastião disse-me que a cidade está em paz. A revolução não chegou ao nosso bairro.

Num momento, partiu para o interior do palacio e voltou preparada para acompanhar o pae.

— Se fosses a carro — ponderou d. Eugenia.

— Não. Deixa-me andar. Preciso verificar se as minhas pernas ainda funcionam. Até logo. Apresenta meus respeitos á senhora marquezia, com os mais sinceros votos pelo restabelecimento da sua preciosa saúde. Eu voltarei mais tarde.

(Continúa.)

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DO TERCEIRO CHACO A VILLETA

O rio crescia pouco a pouco, regularmente, sem grandes saltos, indicando grande enchente. No dia 5 de dezembro, pela manhã, os encouraçados atracaram ao barranco, já baixo, e transportaram-nos para a margem esquerda.

O Dezeseis deplorava a ausencia do seu illustre commandante, que seguira para o Brazil, com licença para tratar-se da impertinente enfermidade que o molestava desde Tuyuty e que, depois de alguns annos mais, o roubou á Patria, que elle serviu com tanto brilho e amor.

O seu successor, o major Costa, era um excellente official; mas, os soldados sentiam muito a falta do outro. Ouvilhes, muitas vezes, ao redor do fogo, exclamarem em tom de verdadeira saudade:

— Ah! minha Nossa Senhora, mandae-nos seu commandante Tiburcio; aquillo é que era homem.

O batalhão pertencia ao corpo de exercito do general Argollo, o nosso glorioso chefe desde os penosos tempos da *Linha Negra*.

Desembarcámos na barranca de Santo Antonio, onde passámos a noite em bivac.

Na manhã de 6, marchámos por uma estrada estreita bordada de capoeirões e pequenos campestres, dando a direita ao rio, que não corria distante. O caminho era ligeiramente accidentado.

Chegámos a um alto, donde avistámos ao longe, na baixada, uma ponte estreita. O inimigo estava do outro lado em grande numero.

A' esquerda, tínhamos a matta mais ou menos rarefeita; e á direita, recordo-me vagamente, o terreno era escabroso, com uma vegetação rachitica de cardos e arvores torcidas, cheias de

espinhos, crescendo entre brejos e cespedes enormes e irregulares, cobertos de gramineas crestadas pelo Sol.

Ao avistar-nos no alto, o inimigo, cuja artilharia dominava a ponte do arroio Itororó, rompeu o fogo sobre a vanguarda. Travou-se o combate.

O Dezeseis foi designado para fazer parte da reserva. Commandava a nossa brigada o denodado coronel Miranda Reis, cujo assistente do ajudante general era o meu illustre amigo Catão Rôxo, então capitão do estado maior de 1ª classe, e um dos nossos mais distinctos officiaes.

Penetrámos por um trilho no capoeirão da esquerda, onde havia grandes clareiras. Postaram-nos em uma muito avançada, defendendo uma estrada, que vinha do interior e se bifurcava á nossa esquerda, com um largo ramal aberto e limpo, que ia ter ao campo onde combatiam os paraguayos perto de nós. A artilharia troava sem descanso.

As nossas cornetas tocavam: *avancar, fogo*.

A's vezes, aos nossos ouvidos attentos chegavam os sons plangentes do mais impressivo dos toques: *atiradores — o inimigo é cavallaria*. Ao ruido crepitante da fuzilada, que a cada instante parecia recrudescer, misturava-se o tropel dos nossos esquadrões, que passavam a galope pela estrada proxima á nossa direita.

E nós nada viamos. De vez em quando, passava um ajudante de ordens, suarento, com o rosto afogueado, e dava-nos, em rapidas palavras, uma noticia:

— Fernando Machado caíu fulminado na frente da sua brigada.

A cavallaria recuou e atropellou os infantes na estreita ponte. Uma linha de atiradores do 10º foi acutillada, e o commandante Guedes morreu como um heróe. Repellimos os paraguayos e os levámos até bem longe; mas, voltaram á carga com furia e o Azevedo caíu exangue.

As nossas tropas, luctando desesperadamente, fôram arrojadas aquem da ponte.

As cornetas repetiam incessantes o toque de carga; mas, as tropas pareciam hesitantes. O Argollo e Gurjão fôram feridos.

Muitos commandantes estavam fóra de combate. A acção estava indecisa e o terreno não permittia o desenvolvimento de grandes forças.

As reservas estavam inactivas.

Apenas, alguns batalhões fôram substituir outros, que estavam dizimados.

Passou pela nossa frente, animado, erecto no cavallo, o bonet bordado de pala levantada e prezo ao queixo, a espada curva desembainhada e empunhada com vigor, e preza pelo fiador

parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte annos. Estava realmente bello. Perfilámo-nos como se uma scintilla electrica tivesse passado por todos nós.

Apertavamos o punho das espadas, e ouvia-se um murmurio de bravos ao heroico marquez. O batalhão mexia-se agitado e attraído pela nobre figura do marechal, que abaixou a espada com uma ligeira saudação aos seus soldados, e o commandante deu a vóz de *firme*. Dalli a pouco, arrojava-se impavido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua gloria.

A carga foi irresistivel e o inimigo completamente feito em pedaços. Arcole repetira-se em Itororó. As bandas tocaram o hymno nacional, cujas notas suggestivas se mesclaram com a alvorada alegre, repetida pelos corneiros que ainda viviam.

Como é impressionante assistir, a pé firme, as peripecias de uma batalha, quando não se tome parte activa. Mil vezes cruzar o ferro nas cargas e deixar-se arrastar pela torrente violenta.

O tempo assim passa mais rapido, e os combatentes não sentem as emoções da lucta, que oscilla para a victoria a cada arremettida, e, á cada retirada, para um revéz.

O subalterno que combate transforma-se em automato, que se move ao som das cornetas ou á vóz dos commandantes.

O soldado que pelejou não póde descrever a batalha, porque sómente foi testemunha dos episodios que passaram a seu lado.

Itororó foi uma das acções mais porfiadas que tivemos, e onde relativamente foi maior o numero de chefes sacrificados. Argollo, o commandante do corpo de exercito, que empenhou a lucta, foi gravemente ferido. Gurjão, o commandante da divisão da vanguarda, caíu tambem, dando exemplos de abnegação e valor. Guedes, Azevedo, Fernando Machado, Eduardo Fonseca alli ficaram para sempre.

No mesmo logar em que assistimos, inactivos, á peleja, bivacámos.

Logo depois, o commandante me ordenou que seguisse em descoberta para a nossa esquerda com uma pequena força. A estrada era estreita e arenosa. A mais de um kilometro, vimos uma roça com viçoso milharal e um pequeno rancho coberto de palha. Entrámos; estava vasio, mas não tinha sido abandonado havia muito, porque vimos algumas gallinhas e um leitão, que correram assustados, mas fôram agarrados, amarrados e deixados em segurança para a nossa volta.

Seguimos e mais adeante um dos soldados, que ía explorando o cami-

sobre um vulto que, a toda a carreira, fugia para a matta proxima. Continuámos assim até que já se ía fazendo tarde. Retrocedemos e quando, ao anoitecer, ganhámos o nosso bivac em Itororó, ouvimos o toque: *Ajudante do 16º, retirar*. Chegámos com muita provisão para o batalhão. Cada um dos meus trinta soldados, trazia um manojo de espigas de milho verde, além de feixes de canna, gallinhas e o leitão. Mandei depositar tudo em um montão, que em pouco desaparecia distribuido pelas praças e officiaes que estavam sem municio.

O arroio Itororó era muito estreito e de altos barrancos, cortados no logar da ponte quasi a prumo. Tinha tão pouca agua que não dava para cobrir os corpos dos nossos camaradas, que alli caíram mortos. Não me recordo exactamente das dimensões da ponte. Sei, porém, que eram muito reduzidas. Dava, na largura, apenas passagem a duas carroças.

O meu batalhão esteve postado na bifurcação do caminho que vinha do interior e tinha pela frente uma grande abertura na matta, situada muito perto da ponte.

Quando cessou o fogo, penetrei por ella até ao rincão ou pequeno campo, onde o combate foi mais renhido.

Passei quasi a pé enxuto.

O Itororó corria, alli, espriado num areial. Parecia-me que, si tivéssemos aproveitado aquella passagem facilima, poderíamos ter levado ao inimigo um bom ataque de flanco e talvez evitado o enorme morticinio na disputa encarniçada da passagem da ponte. Foi uma idéa que me atravessou naquella dia o espirito e que depois vi emittida por muitos dos meus camaradas.

A critica aos grandes mestres nunca é difficil; até aos que jámais poderiam executar as suas obras.

No dia seguinte, chegou pela manhã o fiel Antonio Faustino, conduzindo pelo cabresto o meu nobre tordilho, que havia ficado no Chaco. Criei alma nova, pensando que sem elle teria de percorrer a pé, naquella dia de dezembro, uma estrada arenosa e, em grandes trechos, descoberta. Já ao Sol, bem alto, começámos a nossa marcha. O calor era muito intenso. Sentiamos todos o ar abafado. A respiração era offegante e o suor corria em grandes gottas pelas faces queimadas pelo Sol. Parecia que ía desabar sobre nós grande tormenta. Depois do meio dia, era quasi impossivel marchar. Eu, que ía a cavallo e era moço, sentia a cabeça pezada, e os olhos me ardião queimados pelo calor reflectido dos areiaes. Vimos um homem caído com os olhos revirados, a bocca torcida, as faces arrôxeadas — estava immovel — tinha sido fulminado. Mais adeante,

nove morreram de insolação naquella dia. Cada official e cada soldado quebrára um ramo de arvore ou de arbusto e cobria-se com elle. Chegámos a um alto, num descampado, e lancei a vista para a rectaguarda. Que espectáculo estranho! Uma matta baixa movia-se serpenteando-se entre as duas muralhas verdes de outra gigantesca e immovel. Era a floresta de Birnam, que caminhava fatidica para a Dunsinane do Macbeth paraguay, mais criminoso e feróz do que o Thane de Glamis. Este bravo, como um tigre, matára um rei. Aquelle, sanguinaria hyena, sacrificára um povo inteiro. Ambos tiveram as almas allucinadas pela influencia das mulheres dominadas pela ambição.

Entrámos depois num descampado, e o vento norte soprava abrasador como si saísse de uma fornalha. Que torpôr e que fadiga! Dizem os chronicistas que, quando o vento norte sopra em Assumpção, augmentava o numero dos justicados de Francia.

A tarde, chegámos á Capela Ipané. Nesse dia e no seguinte, todo aquelle exercito de milheiros de homens estava á mingua de viveres. Havia, felizmente, milharas perto, e desde os generaes até o ultimo corneta não houve, talvez, um só que não se regalsasse com uma espiga. Affirmam que o proprio marquez e todo o seu brilhante estado-maior, do qual fazia parte o meu bravo e saudoso amigo José Graça, pagaram tambem esse tributo á contingencia humana. Os exemplos, nessas occasiões criticas, são remedios heroicos. Quem seria capaz de queixar-se de fome, quando o proprio marquez de Caxias partilhava o nossa ração de milho? Felizmente, tudo passou. Os empregados de Lesica & Lanez chegaram, sollicitos, com a *boia* e nunca sou mais vibrante e alviçareiro áquelles ouvidos, o toque de *quartel-mestre, carneação*.

Mudámos o acampamento e fômos para um extenso rincão, onde passámos a noite de 10 dezembro com agua acima dos joelhos, pelas chuvas abundantes que caíram. No dia 11, marchámos depois de clarear o dia. O Dezeseis fazia parte do corpo de exercito do general Jacintho Machado, o glorioso pae do dedicado amigo Carlos Machado, que aprendeu a ser heróe nos exemplos que lhe deu o velho e illustre guerreiro.

Marchavamos na rectaguarda do exercito, commandado pelo grande vencedor de Tuyuty. Ouviamos os echos da grande batalha empenhada na vanguarda e viamos passar, de vez em quando, camaradas e amigos ensanguentados.

Tivemos ordem para avançar em accelerado. No caminho, vimos o nosso idolo, o general Osorio, ferido no ros-

to. Já estavamos no immenso campo do Avahey. Uma borrasca tremenda de trovões e de chuva, açoitada pelo vento violento da tempestade desabou sobre nós e molhou-nos até aos ossos. Não durou muito, porém. O Sol raiou de novo, e nas extensas campinas onduladas o sangue corria diluido pelas enxurradas.

O Dezeseis fez alto numa eminencia á margem direita do arroio e, pela primeira vez, foi-me dado presenciar, de *palanque*, em toda a sua esplendida grandeza, o espectáculo de uma batalha campal.

Entretanto, já tinha naquella epocha tomado parte em dezoito combates.

Não ha nada de mais horriavelmente tragico. O soldado sente emoções indescriptiveis, descobrindo bellezas em tantas desgraças.

A coxilha onde estavamos, tinha ao sopé o Avahey, correndo para a nossa direita com o caudal augmentado pela chuva que lhe déra os tons vermelhos de argilla arrastada, que podiam tambem ser do sangue derramado.

Nas alturas fronteiras, as forças paraguayas batiam-se com tenacidade e firmeza heroicas.

O marquez commandava em pessoa a bella batalha.

A nossa artilharia, troando nas alturas, abria largas avenidas nas columnas inimigas.

Dois batalhões nossos, o 9º do Lima e Silva, o Chicão, e o 15º do Meyer fôram acutillados á nossa vista pela cavallaria do dictador.

O Camara vingou-os, varrendo-a do campo da batalha.

Eu estava montado, sem botas, com as calças arregaçadas até os joelhos e umas *chilenas* enormes de ferro, que achei em Ipané.

O meu cavallo dava signaes de impaciencia; parecia ter inveja dos seus camaradas da divisão Corrêa da Camara.

Perto de nós, havia muitos cadaveres, brasileiros e paraguayos, e tambem alguns feridos. Vimos um paraguay de bruços, com a cara escondida; parecia morto. Estavamos em liberdade, esperando ordens. Um soldado fitava-o, muito attento. O corpo conservava-se immovel e hirto. O soldado desconfiou e *catucou-o* de leve com a ponta do sabre-bayoneta.

O corpo levantou a cabeça e olhou para o soldado com uns olhos de tanto estupor; que nunca mais os esqueci. O soldado riu-se e os outros tambem. O pobre homem, que estava ferido na perna, foi acolhido pelo batalhão e assistiu connosco ao maravilhoso espectáculo. A batalha continuava intensa. As bandeiras tricolôres fluctuavam por aquellas collinas além, envolvidas em nuvens esbranquiçadas de fumaça. De repente, vimos os batalhões inimigos manobrem rapidos e forma-

rem-se em quadrados. Porque essa manobra? Não havia cavallaria proxima. Só a artilharia jogava seus shrapnels certos e a infantaria tiroteiava, a distancia. Surgiram, então, como por encanto, nas faldas das collinas, pela direita e pela esquerda, além do arroio, onde pelejavam no alto, os quadrados escalonados, os nossos bellos e bravos regimentos rio-grandenses, de lanças perfiladas e as bandeiras vermelhas e brancas, tremulando como que indicando o caminho da victoria. Ouvimos o som *vermelho* dos clarins e todas aquellas lanças rutilantes abaixaram-se e as bandeiras se sumiram. Era a carga. As immensas columnas approximavam-se.

Dir-se-ia que uma carregava sobre a outra. Encontraram-se, enovelaram-se, confundiram-se e quando cessou a epica refrega e os esquadrões entraram em fôrma, não havia mais um quadrado de pé. Todos tinham sido esmagados pela irresistivel avalanche.

Camara, Andrade Neves e João Manoel fôram os commandantes das cargas memoraveis daquelle dia.

Dizem que sómente conseguiram escapar dos oito mil paraguayos que allí fôram para deter-nos a marcha, o illustre Caballero, com duzentos cavalleiros. A tarde, entrámos em Villeta, e um grande troço de prisioneiros ficou sobre a guarda do Dezeseis. Entre elles, estava o official, que commandava as avançadas, no dia 3 de julho além da ponte — no segundo Chaco. Pediu para ser-me apresentado depois de disrecrear muito com os meus camaradas e contarem, uns e outros, episodios interessantes. Era um homem moço ainda e de figura sympathica. Apertámo-nos as mãos como si fossemos amigos velhos.

DIONYSIO CERQUEIRA.



APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES



CASTRO, (Luiz de) natural de Beyreuth, wagnerista irreductivel, o unico orthodoxo puro da religião dos Niebelungen. Só elle, nestas terras anti-musicaes, entende Wagner, só elle applaude Wagner; não consentindo que alguém melhor entenda e applauda o formidavel Genio. Identifica-se tão ardentemente com a epopéa wagneriana, que nos seus extases melo-dico-religiosos, sente reviverem-lhe n'alma as radiosas e immortaes creações do auctor dos *Meistersinger*: sente encarnarem-se, no seu corpo franzino e pouco epico, alternativamente. Lohengrin mystico e cava-

lheiresco, Parsifal unguido de santidade, Brunhilde vaporosa, Siegfried cheio de selvagem innocencia, Mime perfido e grotesco, Wotan semi-divino e desventurado... Naturalmente, nos seus sonhos, cada noite, passam cavalgadas de Walkirias, surge o truculento dragão Fafner e raia o arco iris por onde os deuses descem do crepusculo final. Si essas visões todas são acompanhadas da musica original, e não as perturbam as sombras iradas dos srs. Guanabario e Rodrigues Barbosa, é para invejar a sorte do sympathico cidadão de Beyreuth, com cujos caprichos melo-maniacos vamos lucrar talvez muito na proxima temporada lyrica.

* *

PEÇANHA (Nilo), grande orador, Castellar de Campos. Hoje, esquecido da Rethorica, governa, com intelligencia e sem discursos, o formoso Estado do Parahyba, e os seus patricios ganham mais com o Nilo calado do que com o Nilo transbordando tropos e metaphoras. Outr'ora, aos fulgurantes vocativos da sua palavra poderosa, a sala banal da Cadeia Velha se alargava, os finos esteios das galerias se transformavam em columnas corinthias, sustentando o tecto horisontal do Areopago... As faces provincianas dos eleitos do suffragio sertanejo adquiriam as nobres linhas do marimore grego, e os singelos fraques desfaziavam-se em dobras de clamides.. O tempo heroico resurgia, os deuses volteavam invisiveis no ar e Athenéa inspirava o dilecto filho — afim de que rijamente apostrophasse os barbaros que dominavam Campos e resolvesse o dilemma da duplicidade de camaras municipaes... Por fim, o povo, em aclamações, carregava o Tribuno até o ponto das barcas da Praia Grande — em falta de Capitolio. Nesse tempo, ninguem podia suppôr que um homem de tantas palavras fôsse capaz de uma acção; mas, hoje, o sr. Nilo Peçanha tem dado provas sobejas de criterio administrativo, para maior gloria do seu bem-amado Campos, que o adora. E elle é digno de Campos!

PEDRO INNOCENCIO.

“Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro e segundo trimestre d'OS ANNAES.

DIVERSÕES

XADREZ

A historia do xadrez tem, como todas as coisas muito antigas, a sua parte de legenda. Ha. comtudo, da sua historia real, alguma

Legendas. — Havia no 5º seculo da éra christã, na India, um rei poderoso e cruel. Um dos grandes da cõrte, o brahmane Sissa, pretendendo, por meio de um symbolo eloquente, trazer esse monarcha a melhores sentimentos, inventou esse jogo, em que o rei, embora fôsse a peça mais importante, nada podia fazer em sua defeza, sem o auxilio dos seus subditos. O rei, tão maravilhado ficou com a invenção, depois que o philosopho lhe explicou as suas regras, que prometteu dar a este o que lhe fôsse pedido. Sissa, com apparente modestia, pediu apenas isto: que lhe fôsse dada uma certa quantidade de trigo, determinada do seguinte modo — um grão para a primeira casa do taboleiro, dois para a segunda, e dali por deante sempre a dobrar para todas as demais, até a 64ª. O rei immediatamente mandou ao seu ministro que fôsse satisfeito o pedido do brahmane; feitas as contas, porém, verificou-se que para pagar a divida do ardiloso inventor, não bastaria todo o trigo produzido no paiz durante 110.000 annos; ou, por outra, o preço desse trigo, em nossa moeda, seria approximadamente, de 120 bilhões de contos de réis.

Depois, foi attribuida a descoberta do xadrez aos gregos, aos egypcios, aos chinezes, aos scythias, aos babilonios, aos judeus, aos irlandezes, etc. Uns quizeram ver nos jogos que os pretendentes de Penelope executavam no palacio de Ulysses, conforme relata a *Odysséa*, o admiravel jogo do xadrez. Outros o confundiam com o *Ludus Latruncularum* dos romanos. Outros, finalmente, divisam pontos de semelhança entre elle e um jogo analogo dos chinezes. Mas tudo isso não passa de especulações vagas. Estudos relativamente modernos provam a origem do xadrez. Desde 1860 que o dr. Duncan Forbes, no seu livro *The History of Chess*, disse a ultima palavra sobre a verdadeira origem do xadrez.

* *

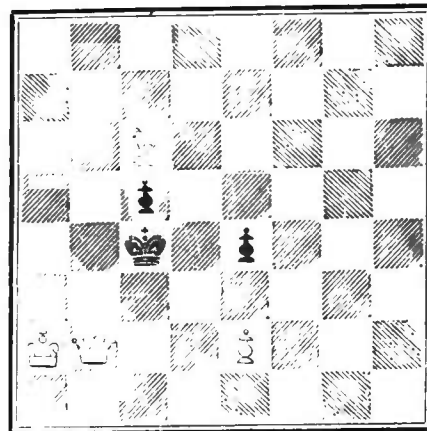
Publicamos hoje uma das oito notaveis partidas jogadas por um dos maiores genios do xadrez, Paulo Morphy, a 27 de agosto de 1858, em Birmingham, simultaneamente contra oito adversarios, e sem ver os taboleiros. Morphy nasceu em 1837, na Nova-Orleans, Estados-Unidos, de pae espanhol e mãe franceza. Aos treze annos, ganhava de Lowenthal uma partida. Em 1858, partiu para a Europa, onde se propoz a combater o campeão inglez, Staunton, o que não se realisou. Em Birmingham, jogou essas oito partidas simultaneas, sem ver os taboleiros, contra fortes enxadristas: Lord Lyttleton, presidente da Sociedade Britanica de Xadrez, Salmon, Avery, presidente do Club de Xadrez de Birmingham, Kipping, secretario honorario do Club de Xadrez de Manchester, Rhodes, Freeman, secretario honorario do Club de Xadrez de Birmingham, Carr, secretario honorario do Club de Xadrez de Leamington e Wills, secretario honorario da Sociedade Britanica de Xadrez. Destas partidas perdeu apenas uma — a que jogou contra Kipping; empatou a jogada contra Avery e ganhou seis. Essa façanha sem precedentes, demais tratando-se de um rapaz de 20 annos, enthusiasinou o mundo enxadrista e os mais fortes jogadores da Europa quizeram bater-se com a creança genial. Em trez *matches* successivos, Morphy derrotou Lowenthal, Harrwitz, e Anderssen. Mais tarde, no Café da Regencia, em Pariz, a 27 de setembro de 1858, Morphy jogou novamente oito partidas simultaneas, sem ver os taboleiros. Destas ganhou seis e empatou duas.

De volta á sua terra, seus compatriotas fizeram-lhe presente de um rico xadrez, em que as peças eram de marfim e as casas do taboleiro de ouro e prata. Acabou lamentavelmente o extraordinario jogador; algum tempo depois de sua volta á patria, enlou-

PROBLEMA Nº 3

Theophilo Torres

PRETAS (3)



BRANCAS (4)

Mate em trez lances

PARTIDA Nº 3

GAMBITO DO CAVALLO DO REI

(Paulo Morphy joga oito partidas simultaneas sem ver os taboleiros.)

Branças (Morphy)	Pretas (Lyttleton)
P 4 R	— 1 — P 4 R
P 4 B R	— 2 — P X P
C 3 B R	— 3 — P 4 C R
P 4 T R	— 4 — P 5 C R
C 5 R	— 5 — P 3 D
C X P C	— 6 — B 2 R
P 4 D	— 7 — B X P (x)
C 2 B	— 8 — B X C (x)
R X B	— 9 — C 3 B R
C 3 B	— 10 — D 2 R
B X P	— 11 — C X P (x)
C X C	— 12 — D X C ?
B 5 C D (x)	— 13 — R 1 B
B 6 T (x)	— 14 — R 1 C
T 5 T	— 15 — B 4 B
D 2 D	— 16 — B 3 C
T 1 R	— 17 — abandona

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 2: 1 — D 2 B R, R 4 D (a); 2 — D 4 T R, R 3 D; 3 — D 8 D (mate); (a) 1... R X C; 2 — C 6 B D, R 5 R ou 6 B D; D 3 B R ou 2 B D (mate).

JOSÉ GETULIO.

A primeira semana de maio, em Roma, teve uma marca consideravel. Foi inaugurado o monumento em memoria de Victor Hugo, do esculptor Pallez, offerecido pela Liga Franco-Italiana á cidade eterna.

Os francezes tiveram, a proposito do facto, um desabafado «enfim»... porque o caso da estatua tem uma historia. Ha um anno, mais ou menos, quando o sr. Loubet esteve em Roma, pretendeu a Liga aproveitar o momento para, deante da *maquette* do monumento, realisar uma grande festa official em honra do poeta dos *Chatiments*. Mas, o *kaiser*, adivinhando na solemnidade, uma desconsideração á gloria allemã, (Victor Hugo contra Goethe) mandou o seu embaixador dizer ao rei Victor que isso era de mais; que se não devia fazer; que offerecera aos italianos, havia trez annos, uma estatua do auctor de *Werther* e, então, não se falava nisso; que isso, de resto, não podia ser.

O rei Victor achou muito justa, muito natural, a queixa do imperador de modo que, por essa occasião, apenas se fez a «apresentação» do monumento ao sr. Loubet, sem a

TIBI, IGNOTA VIRGO

Quando é que junto a mim hei de ter-te ? Quando é
Que virás, Virgem sã, de olhar piedoso e puro ?
Virgem que espero e escuto e presinto e procuro,
Porque mereces toda a fé !...

Quando virás ? Quando é que os teus olhos a luz
De outro Sol sobre os meus derramarão, de sorte
A mudar para sempre a estrada do meu Norte,
O amargo deste Pranto e o pezo desta Cruz ?

Quando, quando virás ? Quando terei no ouvido
Mudada a sensação do som pelo teu riso ?
E no olfacto o sabor estonteante e impreciso
Do teu perfume não sentido ?

Quando é que te verei junto a mim, derramando
Dentro do meu ambiente a essencia de tua alma,
Como uma grande flôr que as petalas espalma,
Em torno tudo perfumando ?

Quando é que, emfim, verei essa transmutação
Redemptora e final deste Universo immenso :
—O mundo que aqui está, dos meus olhos suspenso,
—E o mundo que aqui está, dentro do coração ?

Alma doce de creança, alma sensível como
A superficie azul e placida de um lago :
Vem ! que me falta Alguem que receba este affago
E por quem este amor ainda encarcéro e domo.

Vem ! que eu quero ser bom ! Vem ! que eu quero a sentida
Expressão deste affecto intermino dizer !
Não te conheço, mas preciso do teu ser
P'ra que possa explicar a razão desta vida.

Vem ! que o Sonho é fallaz e a Vida é breve e eu quero,
Quando fôr descansar no derradeiro somno,
Levar no meu olhar, como em eburneo throno,
A Visão meiga e sã do teu semblante austero.

Alma feita de Luz : Limpa como a Verdade ;
Alta como um pharol erguido sobre o mar ;
Como a estrella do céu—de eterna claridade,
E mysteriosa como o luar ;

Alma que cheira a flôr, feita de flôres : Vem !
Eu te amo sem te ver, sinto-te sem te ouvir !
Poeta, sem te exaltar; servo, sem te servir,
Espero-te e não sei quando virás... Porém

Sei que existes e sei que o Sol, em cada dia,
Sobre as faces te põe rosas frescas ; o Sol
A quem mostro daqui, no primeiro arrebol,
A solidão que me crucia...

Sei tambem que este chão, que eu ando a palmilhar,
Teu pé, que a perfeição de uma obra d'arte enfeixa,
Piza, e nelle a impressão imponderavel deixa
De uma aza de ave sobre o mar...

Sei que existes, porém não te contemplo... Emtanto,
Porque em ti creio e sei que um dia surgirás,
Vivo qual peccador, sonhando o Céu atrás
Do Azul, que o leva á Gloria e que o arrebatava ao Pranto.

Has de um dia surgir do incognito, Bemdicta !
Vem para a Vida então, vem para o Amor, vem para
A Gloria da Bondade immaculada e rara
(Que a Belleza é fugaz e a Bondade é infinita) !

Quando o instante chegar, em que has de apparecer,
Divina ! como um bem que enaltece e aprimora,
Has de achar-me a sonhar este sonho de agóra
Em que paira, em que vive a imagem do teu Ser.

E eu não mais sentirei o negror desta Magua
E has de vir a sorrir, envolta em claro véo !
E ao ver que me sorris, Exilada do Céu !
Eu te receberei com os olhos rasos d'agua.

DALTRO SANTOS.

1905.



ALMAS GEMEAS

Junto de ti são breves os instantes,
As horas mal se sentem, pois que lucta
Para deixar-te quem feliz te escuta
As palavras sonoras e vibrantes.

Palpita o nosso amor, doce permuta ;
A paixão enfebréce dous semblantes,
Sendo fracos, sentimo-nos possantes,
Duplo ser em uma alma resoluta.

Gosando o mesmo magico transporte,
Choramos e soffremos sem queixumes,
Unidos pela vida e para a morte.

Sejamos assim calmos, entre abrolhos,
Que os labios de nós ambos téem ciúmes
De tanto que conversam nossos olhos.

ESCRAGNOLLE DORIA.

1905.



VIAGEM NOCTURNA

Pela estrada, através da matta silenciosa,
No começo da noite, a cavallo eu segnia :
Via-se scintillar a esphera mysteriosa,
Além, sobre a alta, espessa e obscura ramaria.

Sem um rumor, qual uma apparição medrosa,
Perpassava a nocturna aragem mansa e fria.
E eu sósinho, a alma entregue á scisma caprichosa,
No deslumbrante céu os olhos embebia.

Vivas constellações de brilho incomparavel,
—Veleiras náus num mar infinito e insondavel,—
Seguiam lentamente o radioso caminho.

E Vesper, grande e idéal, fulgia entre a ramagem
Qual uma ave de luz, que após immensa viagem,
Baixasse o lento vôo, em procura do ninho.

LEOPOLDO BRIGIDO.

1905

SYSTEMAS DE NUMERAÇÃO (*)

MUDANÇA DE BASE

1—Chama-se *systema de numeração* o conjuncto dos principios, das convenções e das regras, por meio dos quaes se pôdem formar e representar os numeros.

2—*Base de um systema de numeração* é o numero de unidades de uma ordem qualquer, necessario para se formar uma unidade de ordem immediatamente superior.

3—A *formação* dos numeros baseia-se em um artificio oriundo de um processo expontaneo, qual é o agrupamento natural das unidades, constituindo o que se chama — ordens; a *representação* em um outro artificio que consiste na relatividade dos valores dos algarismos, conforme o logar que occupa no numero.

4—O primeiro traduz-se neste principio: «*b* unidades de uma ordem qualquer fórmam uma unidade de ordem imediatamente superior.»

E o segundo neste outro: «Um algarismo escripto á esquerda de outro val *b* vezes mais do que se estivesse escripto em logar desse outro.»

5—Estes dous principios fórmam o alicerce da theoria da numeração, conjunctamente com a lei geral e expontanea da formação dos numeros, que assim se enuncia: «Para se formar um numero qualquer, basta juntar ao anterior uma unidade.»

6—Em vista desses conhecimentos elementares comprehende-se que um mesmo valor pôde ser expresso de uma infinidade de maneiras e dahi a infinidade dos systemas de numeração.

7—Ora, se um mesmo valor pôde ser representado de varios modos, é natural que se queira conhecer a correlação dessas diversas representações, donde surge o problema da *mudança de base*:—dado um numero, represental-o em outra base qualquer.

O problema é inteiramente geral. Para resolvel-o basta que se tenha pratica de calculo em qualquer systema de numeração. E é justamente a insufficiencia de generalisação, no que respeita ao calculo, o que constitúe a difficuldade para os principiantes.

O habitualismo do systema decimal faz-lhes crer que fóra deste tudo é artificio e gymnastica de espirito, quando nelle mesmo está o artificio, assim como fóra delle ha tambem a mesma logica e a mesma exactidão nas deducções. Proposta uma questão geral, que se furte aos estreitos limites da numeração usual, a confusão e a incomprehensão lançam os neophytos na rotina dos casos particulares, em que todas as operações se effectuam no systema decimal, isto em detrimento da generalisação da theoria.

8—Antes, pois, de se propôr a resolver o problema da *mudança de base*, deve o estudante familiarisar-se com o calculo em qualquer systema de numeração, inferior ou superior em base ao usual, dilatando assim os horisontes da numeração e dando á theoria a amplitude que ella comporta.

9—Feitas estas considerações, passemos a expôr os processos geraes para a mudança dos numeros de um para outro systema de numeração. O problema será resolvido sem nenhuma consideração por este ou aquelle systema; no emtanto, notaremos os casos particulares e as applicações praticas de cada processo á numeração corrente.

10—Seja *N* o numero dado, *b* a base do systema em que elle está representado, *b'* a base do systema para o qual queremos mudal-o.

O problema pôde ser resolvido por trez processos geraes.

1.º PROCESSO

11—Vamos determinar os algarismos das ordens do numero na nova base, começando pelas ordens mais elevadas.

O problema tem duas phases: 1.ª — Saber qual seja a mais alta ordem do numero na nova base; 2.ª — determinar o algarismo correspondente. Feito o que, tudo o mais é reprodução dos calculos anteriores.

12—Procuremos a mais alta potencia de *b'* contida em *N*, determinando as suas potencias successivas. Se chamarmos *m* o expoente dessa maior potencia, *m+1* será a mais alta ordem do numero na nova base.

13—Dividamos, agóra, o numero dado por *b'^m*; o quociente, exprimindo quantas vezes *b'^m* se contém em *N*, será o algarismo que deve occupar essa ordem.

E esse algarismo é forçosamente inferior a *b'*; pois, se o não fôsse, *b'^m* não seria a mais alta potencia de *b* que caberia em *N*, e sim *b'^{m+1}*. E tal condição é, como se sabe, necessaria para que esse algarismo exista na base *b'*

14—Indicando o calculo, que se deve naturalmente effectuar na base dada, vem:

$$\frac{N}{b'^m} = q + \frac{r}{b'^m}$$

Donde:

$$N = b'^m q + r;$$

q é o algarismo da mais alta ordem do numero na nova base; e o resto *r* representa a somma dos valores *relativos* dos outros algarismos. (Se *r* fôr igual a zero, isto é, se a divisão se fizer exactamente, as demais ordens inferiores serão occupadas por zeros, o que significa que na nova base o numero dado é representado por uma colleção exacta de unidades da mais alta ordem).

15—Tentemos, agóra, pela fórmula $N = b'^m q + r$, determinar o algarismo da ordem imediatamente inferior. O processo é o mesmo. Procuremos a maior potencia de *b'* contida em *r*. (Esta potencia será inferior á antecedente, porque o resto é menor que o divisor, mas pôde deixar de ser a *imediatamente* inferior e neste caso a ordem correspondente tem de ser occupada por um zero). Supponhamos que seja *b'^{m-1}* essa potencia e teremos:

$$\frac{r}{b'^{m-1}} = q_1 + \frac{r_1}{b'^{m-1}}$$

Donde:

$$r = b'^{m-1} q_1 + r_1$$

O quociente *q₁* será, pois, o algarismo da ordem *m*, porque indica quantas vezes a potencia respectiva da base, *b'^{m-1}*, se contém em *r*; e o novo resto *r₁* será a somma dos valores *relativos* dos algarismos subsequentes. E assim por deante.

16—De sorte que chegaremos ao seguinte desenvolvimento:

$$N = b'^m q + b'^{m-1} q_1 + b'^{m-2} q_2 + b'^{m-3} q_3 + \dots + b'^2 q_{m-1} + b' q_m + r_m \quad (1)$$

E, como a base é sempre representada, em qualquer systema, pela unidade seguida de zero:

$$N = 10^m q + 10^{m-1} q_1 + 10^{m-2} q_2 + 10^{m-3} q_3 + \dots + 10^2 q_{m-1} + 10 q_m + r_m \quad (2)$$

Ou, ainda, applicando o artificio da relatividade dos valores dos algarismos :

$$N = q q_1 q_2 q_3 \cdots q_{m-1} q_m r_m \quad (3)$$

Ou, finalmente, tornando a fórmula symetrica (vide infra nota a) :

$$N = q q_1 q_2 q_3 \cdots q_{m-1} q_m q_{m+1} \quad (4)$$

E estes algarismos, como observámos atrás, não podem deixar de ser inferiores a b' , condição aliás essencial para que o numero se ache escripto na base b' .

17 — EXEMPLO. Seja o numero 423, escripto na base seis, que queremos mudar para o systema de base cinco. A maior potencia de cinco contida no numero dado é a terceira (operações na base seis).

$$\begin{array}{r} 5 \\ 5 \\ \hline 41 \\ 5 \\ \hline 325 \end{array}$$

$5^3 = 325$. Vejamos quantas vezes a terceira potencia de cinco se contém no numero dado.

$$\begin{array}{r} 423 \quad 325 \\ 54 \quad 1 \\ \hline \end{array} \quad \begin{array}{l} 423 = 325 \times 1 + 54, \text{ ou} \\ 423 = 5^3 \times 1 + 54 \end{array}$$

Se a terceira potencia de cinco se contém uma vez no numero dado, 1 será o algarismo da ordem correspondente, isto é, da mais alta ordem do numero na nova base.

O resto 54 representa a somma dos valores relativos dos outros algarismos ($q_1 q_2 \dots$) Este resto contém a se-

gunda potencia de cinco (41).

Dividindo 54 por 41, vem :

$$\begin{array}{r} 54 \quad 41 \\ 13 \quad 1 \\ \hline \end{array} \quad 54 = \quad \times 1 + 13$$

Donde :

$$423 = 5^3 \times 1 + 5^2 \times 1 + 13$$

Da mesma fórma :

$$\begin{array}{r} 13 \quad 5 \\ 4 \quad 1 \\ \hline \end{array} \quad 3 = 5 \times 1 + 4$$

Donde, finalmente :

$$423 = (5^3 \times 1) + (5^2 \times 1) + (5 \times 1) + 4$$

ou :

$$423 = (10^3 \times 1) + (10^2 \times 1) + (10 \times 1) + 4$$

ou emfim : (seis) (cinco)

$$423 = 1114.$$

18 — NOTAS. a) Os algarismos das differentes ordens são representados pelos quocientes das divisões successivas, excepção feita do da ordem inferior que é representado pelo resto da ultima divisão, que indicamos na fórmula (3) por $rm + 1$, por ser de facto o resto da divisão de ordem $m+1$.

Mas si dividissemos ainda este resto, como fizemos aos precedentes, pela potencia da base inferior á primeira, isto é, por b'^0 , teriamos :

$$\frac{rm}{b'^0} = \frac{rm}{1} = q_{m+1}$$

E assim poderíamos representar o algarismo da ultima ordem, como na fórmula (4), por q_{m+1} , o que a tornaria mais symetrica.

b) O numero na nova base terá tantos algarismos mais um, quantas fôrem as unidades do gráu da maior potencia contida no numero dado.

c) As operações dever-se-ão effectuar na base em que se acha escripto o numero, é evidente.

d) Applica-se este processo no caso particular da mudança de base de um numero escripto no systema usual para um outro systema qualquer, porque neste caso as operações serão effectuadas na base decimal. Exemplo : Seja o numero 792, escripto no systema de base dez que queremos passar para o de base oito.

$$\begin{array}{r} 792 \quad 512 (= 8^3) \\ 280 \quad 1 \\ \hline \end{array} \quad 792 = 8^3 \times 1 + 280$$

$$\begin{array}{r} 280 \quad 64 (= 8^2) \\ 24 \quad 4 \\ \hline \end{array} \quad 280 = 8^2 \times 4 + 24$$

$$\begin{array}{r} 24 \quad 8 \\ 0 \quad 3 \\ \hline \end{array} \quad 24 = 8 \times 3 + 0$$

Fazendo as substituições :

$$792 = 8^3 \times 1 + 8^2 \times 4 + 8 \times 3 + 0$$

$$\text{ou :} \quad \begin{array}{cc} (dez) & (oito) \\ 792 & = 1430 \end{array}$$

Os quocientes da fórmula (4) tomaram os seguintes valores :

$$q = 1, q_1 = 4, q_2 = 3, q_3 = 0$$

(Continúa.)

FROTA PESSÔA.

(*) Este desprezioso trabalho foi submettido á apreciação de um erudito e illustre professor de mathematica, que, julgando-o certo no seu desenvolvimento e deducções, lhe notou, comtudo, um defeito de methodo, por isso que, partindo das fórmulas geraes para os casos particulares, eu inverteo a ordem natural de semelhantes estudos. A deducção dessas fórmulas (tal é a observação do mestre, que de prompto reconheci justa) é difficil de ser acompanhada por quem não seja familiar ao assumpto e, estabelecidas que ellas sejam, inutil é a particularização dos problemas especiaes.

No emtanto, publico-o tal qual está, porque o meu escopo é exactamente mostrar aos principiantes que o problema de que ahi se trata é inteiramente geral e independe do systema de numeração considerado, como está dito no § 7. Poderia, pois, limitar-me ao estabelecimento das fórmulas, sem me preocupar com a sua applicação concreta; mas com esta applicação penso de qualquer fórma servir aos estudiosos que já conhecem praticamente o problema e que quizerem fixar as suas noções sobre a interessante theorica.

E' claro que não tenho a pretensão de ter aqui feito nenhuma descoberta; mas como todos os compendios de arithmetica são deficientes em relação a esta parte da numeração, penso que ha algum merito na systematização que lhe dou. -- F. P.